

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1938

ANNO V

N.º 2

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ANTONIO SIMÕES DOS REIS — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
DONATELLO GRIECO — EDGARD CAVALHEIRO
HELIO DE SOVERAL — HENRIQUE CARSTENS
IVAN RIBEIRO — JOSE' MARIA SENNA
LYDIA DE A. GRAÇA — NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA
RAYMUNDO MORAES — RUY DE CARVALHO
VINICIO DA VEIGA — WILSON RODRIGUES

NESTE NUMERO :

Secções de:

ARTES PLASTICAS,
THEATRO
e CINEMA,

Correspondencia
de PORTUGAL e JAPÃO

NESTE NUMERO :

"O HEROE"

Conto Inedito de
OMER MONT'ALEGRE

"Tumulo, Tumulo, Tumulo"

Conto de
MARIO DE ANDRADE



PREÇO PARA TODO O BRASIL: 2\$000



ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls :

Historia Puxa Historia

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPEN-
DIMENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAIPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade francesa de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Chaumeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'O *Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par cheque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do **BOLETIM DE ARIEL**, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
” ” — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
” ” — Evolução da Prosa Brasileira....	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2ª ed.	5\$000
” ” — Dias e horas de vibração.....	5\$000
” ” — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2.ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2.ª edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2.ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon	— O mysterio de um morto	5\$000
" "	— O cão amarello	5\$000
" "	— Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Gastão Cruls — Historia puxa Historia	8\$000
Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCCÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5. ^a edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Força	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4. ^a edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas I vo I. — br.	50\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — **A Origem do Mundo** — (1.º vol.
da collecção: "Historias do Tio João") 8\$000

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimenta- ção da Creança) — 1.º vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição
 augmentada 10\$000

NARRACÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
--------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — **Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras)** — 1.350 receitas — 2.^a edição — vol. cart. 14\$000

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O	
Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas	
Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 —	
1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933	
1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934	
1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935	
1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 —	
1 vol., encad.	45\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR :

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE :

Agrippino Grieco

GERENTE :

João Teixeira Soares Netto

SECRETARIO :

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	28\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	24\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus colaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo Dtrimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE AIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris

Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisbôa

No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre

Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo

Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife

Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia

Em Alagôas — Dr. Raul Lima — Maceió

Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza

No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém

No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

Direcção, Redacção e Publicidade :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro, 162-1.º

Tel. 22-1406

End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO "BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás lettras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDIÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEM, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs. para que seja remettida uma assignatura annual de Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте estecoupon e envie a ARIEL,
— Rua 7 de Setembro, 162 - 1.º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz *desde que esta possua* o serviço de «*vales postaes*» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registo correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são minimas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. esdique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....

.....

.....



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO . BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

Do JAPÃO

VIGO

(CAPITULO DE UM LIVRO DE VIAGEM, EM PREPARO)

Passei algumas horas em Vigo, uma das cidades mais poupadas em toda a longa e sangrenta luta civil hespanhola. Aquella cidade ficou desde a primeira hora com os nacionalistas e a não ser pequenos motins no dia em que se deu o levante, nada mais ha como esclarecimento para a historia da revolução do General Franco.

Vigo é insignificante, de uma insignificancia que se accentuou mais depois de iniciada a guerra civil, em virtude do fechamento do seu porto, da paralyção das suas principaes industrias e do recrutamento de soldados para o *front* distante. A cidade é pequena, pobre e sem attractivos.

Era, comtudo, um periodo anormal e improprio para tirar-se conclusões. Quando o nosso navio atracou, diversas pessoas fardadas, autoridades militares investidas de funções administrativas, subiram a bordo cheias de precauções, controlando a lista de passageiros, fiscalizando a subida de carregadores.

Esta segunda parte da fiscalização era até certo ponto razoavel, pois disseram-me que os particulares só estavam em Vigo porque ainda não haviam conseguido fugir. Não em virtude de attitude politica, mas devido ao facto de estar a cidade, ou melhor, a Hespanha toda, passando por uma phase de tremenda depressão moral. Para um forasteiro a vida está mais barata do que se possa imaginar. Qualquer moeda estrangeira é avidamente adquirida. O dinheiro que corre na praça é de emissão revolucionaria, sem curso fóra da Hespanha franquista. Porisso toda a quantia que o estrangeiro troca na cidade, fica lá mesmo. Não valeria a pena leval-o para um novo cambio em outro paiz, pois a moeda nada mais é que uma ficha, uma emissão que, fóra daquelle territorio, só interessa a colleccionadores de moedas. Em favor da verdade deve dizer-se que as constantes emissões sem lastro, da parte do governo revolucionario, vieram solucionar ou melhor, provar que o valor do dinheiro dentro de um paiz é apenas relativo á maior ou menor acceitação que elle tenha da parte dos trabalhadores. O curso forçado da

peseta nacionalista e a obrigação em que estão, no commercio, em acceitarem-na como retribuição aos seus serviços e mercadorias, resolveu em parte a crise de Vigo. Como o dinheiro não tem outro valor senão o imposto pelas autoridades, ninguem pensa em re-tel-o, em guardal-o. Ao contrario. Tão depressa o dinheiro chega ás mãos de uma pessoa, ella trata immediatamente de passal-o adeante, dando-lhe uma circulação veloz que produz abundancia. Não ha mendigos. ou si os ha, elles vivem hoje confortavelmente. Ninguem lhes negaria a esmola de um pedaço de papel impresso, com o curso obrigatorio. Ha certas soluções simplistas e extremas que deixamos muitas vezes de adoptar pelo temor do espanto que produziriam. Na Hespanha tive a prova de que é possivel um paiz, na sua vida interna, ter um bom padrão de vida, embora com a moeda sem lastro, desde que haja obrigatoriedade do seu curso e punição para os que a recusem. O segredo está na circulação rapida. Os trabalhadores da Hespanha acceitam, em paga das tarefas que executam, uma determinada quantia em papel; os agricultores conformam-se em trocar os productos da terra por outras cedulas da mesma especie.

A inutilidade de guardar taes moedas em gavetas ou cofres leva os seus possuidores a trocarm-nas immediatamente por utilidades das quaes privar-se-iam si houvesse a hypothese daquelle dinheiro representar um valor real de ouro physico. Isto dá ás pessoas uma tendencia de aquisição, uma ansia de munir-se de objectos ás vezes considerados superfluos pelos compradores, mas de cuja venda dependem milhares de trabalhadores que cooperam na sua confecção. Enquanto este curso de transacções não attinge mercadorias adquiridas no estrangeiro, para cujo pagamento não bastam as cedulas de papel, a situação está sendo resolvida, em Vigo. Repito que não ha miseria, a despeito de terem decorrido, ao tempo que lá passei, vinte mezes de guerra civil. O dinheiro é facil e tem uma função de ficha de casino de jogo, um valor todo convencional.

Nada, materialmente, denunciava em Vigo um estado de guerra. Este só era sentido moralmente. As ruas limpas, o mercado muito movimentado, o commercio aberto, lojas bem aparelhadas, enfim todo o rythmo de uma cidade em periodo normal. Mas no que se reeffre ao ar das pessoas; á attitudo dos transeuntes, ao aspecto das casas particulares, ahi sim podia sentir-se a guerra com todos os seus horrores.

A melancolia vem principalmente dos trajés escuros. As espanholas são formosas por terem preferencia pelo vestido preto. Naquelles dias, porém, o preto não era uma questão de preferencia, mas sim de luto. Raras são as familias de Vigo que não tenham um parente morto na guerra ou um membro querido no front, e por antecipação já se enlutam.

Pelas ruas transitam militares em folga. Passaram alguns mezes nas trincheiras e agora tiveram licença para visitar as familias. Muitos são feridos de guerra e alguns mutilados. Andam com um ar espantado porque não ouvem os estampidos a que estavam habituados. Em alguns deve haver o secreto desejo de não mais voltar á luta, mas como estão sendo tratados como heroes, não podem deixar transparecer, sem desaire, tal proposito. Porisso voltarão.

As matronas de Vigo, mães de rapazes que estão na guerra, andam — perdoem-me a expressão — apalermadas. A longa e perigosa separação dos filhos deixou-as num estado de super-excitação nervosa, e desabafam-se sob qualquer pretexto.

Eu andava pela cidade duma maneira que só poderia ser de estrangeiro. Usava gravata e collarinho e vestia-me com trajés civis. Os naturaes da cidade, pelo desespero de uma luta demorada com a vida desorganizada, dilacerados pela ausencia de parentes, caíram num deploravel estado de negligencia quanto á maneira de trajar-se. Quem não está fardado está semi-fardado; com calça paisana e tunica militar, ou todo á civil e gorro de soldado. Um detalhe que me chamou a attenção foi o numero de homens de barba crescida.

Todos estão desleixados, acabrunhados. E não por miseria; o dinheiro é abundante. Faltam-lhes, porém, cousas que o dinheiro não dá; a serenidade de alma e confiança no futuro. Tudo é incerto. A mobilização póde de um dia para outro arrancar chefes de familias, filhos, de paes, irmãos de irmãos, noivas de noivos, enfim todo o rosario de padecimentos a que uma população fica entregue em periodos de luta armada.

Disse acima que as matronas andam apalermadas. De facto. Passava eu deante de uma casa de aspecto severo quando fui inesperadamente chamado por uma senhora idosa, de ar distincto e habitos fidalgos. Ella não me conhecia. Adivinhou na minha maneira de vestir um estrangeiro e perguntou qual era a minha patria. Quando se certificou de que eu era de um paiz alheio á questão espanhola, desatou num pranto desesperado. Levou-me ao interior da sua casa e fez-me contemplar um grande quadro. Era a photographia de um filho morto em combate. Contou-me da forma mais conmovente, os incidentes da partida do ente querido; da confiança com que elle falava do dia do regresso, dos projectos do futuro. O seu

filho, um rapaz, pela photographia, muito jovem e bonito, era universitario, devendo formar-se dentro de alguns annos em Direito. A revolução colheu-o em Vigo, onde expedia as ferias semestraes. Temperamento combativo, animado por um ideal que elle — e ella tambem — julgavam ser justo, fôra o primeiro na cidade a alistar-se nas legiões revolucionarias, tendo combatido com rara coragem em diversos encontros com os republicanos. Morrera em Teruel. A pobre senhora chorava tanto e de tal maneira que outras pessoas vieram consolal-a, mas infelizmente eram tambem pessoas amargadas com a perda ou com o risco a que corriam seus filhos. Todas choravam. Minha mulher, de temperamento sentimental chorava tambem. A situação era a mais constrangedora possivel e tive que sair daquelle lugar para alliviar-me de tristes pensamentos.

Cito este episodio ao acaso e poderia citar centenas de outros, analogos. Disse-me outra pessoa, cujo filho estava em Vigo, que antes elle não tivesse voltado, em licença. Já se habituara, relativamente, á ausencia daquelle filho e agora, ao ter elle que regressar ás linhas de combate, as mesmas scenas de sempre haviam de repetir-se.

O mais cruel é que uma situação desta cria uma outra opposta e contradictoria. Enquanto as pessoas de certa idade com mais experiencia da vida, ou com mais desenganos, encaram o perigo com respeito supersticioso, a juventude, quer a desmobilizada, quer a que retornou do *front*, victima de um estado psychologico que decorre da proximidade senão da morte pelo menos do perigo, entrega-se a uma orgia sem espontaneidade, mas irremediavel. Bebem muito; querem no alcool encontrar o allivio para as suas preocupações. De que vale, pensam elles, uma conducta exemplar si amanhã a guerra nos acabará com a vida?

Estão num estado de pre-mobilização militar e espirital. O contraste é doloroso. No recesso do lar, a tristeza, as lagrimas. Nas ruas o espetaculo de feridos e mutilados; no cães estivadores, contrafeitos, cabisbaixos, revoltados mas silenciosos, e os cafés repletos de uma juventude de suppostos moribundos. Todos se julgam á vespera da morte e querem aproveitar os ultimos instantes da vida.

Lamento não ter conhecido Vigo antes da luta revolucionaria para comparar as modificações soffridas. Um aspecto sympathico do espanhol foi-me revelado neste dia em que lá estive. Apesar de toda a irregularidade da situação, não havia abuso de especie alguma. Um grande respeito humano; uma grande amabilidade publica, uma grande consciencia que as tragedias intimas não deveriam affectar os estrangeiros neutros.

Todos os passageiros do «Alexandrino» desceram em Vigo para um passeio. Estavamos sob rigoroso controle das autoridades. Os passaportes foram retidos e cada um de nós recebia um cartão para ser devolvido á volta, em troca daquelle documento. Tinhamos tambem que fazer declarações sobre os valores que levavamos, em dinheiro e em joias. Os militares que fiscalizavam o navio eram todos «provisorios» porque o exercito estava nas trincheiras. Para o civil que nunca se fardou, o uniforme militar

empresta arrogancia e autoridade. Subiram a bordo com muito combustível de energia. Começaram a dispôr das cousas autoritariamente. Encontraram, porém, da nossa parte, um espirito desarmado, um alheamento às suas attribuições e pouco a pouco humanizaram-se até confraternizarem de vez com os passageiros. Além disso, no «Alexandrino» estavam tres officiaes combatentes do nosso Exercito e deante delles os «provisorios» capitularam. E' verdade que não dispensaram os rigores a que me referi, na questão do passaporte e da declaração de valores, mas em voz baixa explicaram que aquillo era um dever ao qual não podiam fugir. Elles tambem estavam controlados. A primitiva empafia foi sendo substituida por um semblante de resignação, de tristeza e acabaram por invejar os paizes sem guerras civis. Esta é outra característica dos militares improvisados. A sua preparação para a luta armada é apenas peripherica. Antes de irem ao *front* imaginam-se destemidos, capazes de actos de bravura, em condições de sobrepujarem a technica militar e a preparação moral das casernas. Mas cansam-se logo. Com as primeiras rugas nos uniformes bem passados, surgem as primeiras indecisões. Quando o uniforme está sujo os civis estão arrependidos. Mas na rectaguarda são inexcediveis, sobretudo nos primeiros tempos de guerra. Multiplicam-se, esforçam-se. Só mesmo uma duração demorada como era o caso da Espanha, os domina.

Fomos todos os passageiros para differentes restaurantes da cidade. Os preços eram vis e aconselhavam uma lauta refeição. Os frequentadores normaes daquelles logares, e muitos eram ex-combatentes em férias, notando a presença de estranhos, falavam em voz alta dos ultimos combates em que haviam participado. Uns tinham estado em S. Sebastian, outros em Guadalajara, outros em Teruel. Falavam alto e olhavam disfarçadamente para o nosso lado, tentando surprehender o nosso interesse. De facto, era importante ouvir aquellas narrativas e não tive duvida em aproximar-me de uma mesa em redor da qual sentavam-se testemunhas oculares, participantes de combates sensacionalmente narrados pelos jornaes do mundo inteiro. Tudo aquillo seria para mostrar que não ha, mesmo em tempo de guerra, uma decaida geral nos espiritos. O chamado *rythmo* da desordem podia ser constatado em Vigo. A não serem as preocupações moraes e sentimentaes de uma parte da população, não havia aspectos exteriores que denunciasses uma situação de cáos, que era a que corresponderia á nossa expectativa. Quando voltamos a bordo os militares improvisados já estavam completamente familiarizados com o pessoal da tripulação. Encontrei, tambem, no «Alexandrino» para viajarem conosco até outro porto, quatro ex-combatentes nacionalistas. A situação destes moços era muito engraçada. Eram pessoas de boa condição social em Madrid, sympathicas á causa do General Franco e porisso sentiram-se ameaçadas de prisão pelas autoridades republicanas. Refugiaram-se na Legação da Hollanda e tiveram, mezes mais tarde, licença para exilarem-se naquella paiz. Dali, entretanto, fugiram para Vigo, desejosos de lutar lado a lado com os seus compatriotas de ideal. Houve um protesto da Hollanda que exigia a sua volta ao exilio, pois só

havam deixado o asylo diplomatico sob a condição de que, uma vez livres, renunciariam a qualquer decisão de lutar contra Madrid. Iam, pois, novamente á Hollanda. Durante alguns dias tivemos na palestra destes jovens as mais interessantes minucias sobre a luta em diversos sectores. Ao chegarmos ao Havre eramos amigos, e ainda hoje me consolo com a ideia de que elles não morrerão na guerra civil, prohibidos de participarem dos seus riscos.

A vida em Vigo não está inteiramente paralisada. Ha nas immediações do porto um intenso trabalho de engenharia, executado por individuos livres. Segundo me informaram não existem prisioneiros politicos, pelo menos sujeitos a trabalhos pesados. A adhesão de Vigo á causa nacionalista deu-se no primeiro dia do levante. Um capitão do Exercito espanhol leu em publico uma proclamação; alguns trabalhadores ergueram os punhos cerrados, em protesto. O pelotão que rodeava o official atirou sobre os contra-manifestantes e registaram-se, então, as unicas e raras mortes de civis. A cidade, porém, não escapou á mobilização, feita a principio com entusiasmo. Os jovens, que não eram immediatamente alistados, lamentavam-se; queriam todos marchar para a conquista de Madrid. O heroismo é muito mais puro na retaguarda que na linha de combate. E mais facil, tambem. O heroismo brilha de repente para empallidecer aos poucos. Na retaguarda elle aparece nitido na imaginação de cada mobilizado. A' medida que o *front* vae se approximando, o heroismo vae decrescendo. Nas trincheiras todos verificam que a vocação bellica é a mais rara de todas. A pessoa que se julgou heroica e que mais tarde constatou o seu equivoco, só o volta a acreditar-se outra vez, quando regressa momentaneamente aos logares seguros da rectaguarda e se vê festejada como um combatente. Todos a assediam com perguntas. Querem saber si matou muitos inimigos; quaes os seus mais perigosos combates. Este ambiente de consideração cria novamente no soldado em descanso uma nova impressão de capacidade para a bravura, e só a realidade das linhas de fogo consegue outra vez demovel-o das loucuras que estava disposto a cometer.

Nos periodos de grande exaltação civica, quando ha entusiasmo na rectaguarda, aquelles que ainda não se alistaram voluntariamente para o perigo sentem-se desprestigiados, desprezados pelas mulheres; humilhados pelas namoradas. Ir ao *front*, nestas condições não é um symptoma de vocação guerreira, mas um meio de sustentar o decoro e o prestigio. E' preciso marchar. Em Vigo ainda ha desta especie de gente. Mas, para azar delles, hoje em dia as funções da rectaguarda são tão necessarias e ás vezes tão perigosas como as da vanguarda. A presença de servidores atraz do *front* é exigida pelas imposições da industria de guerra, do reabastecimento, do remuniamento, das communicações. Exteriormente as pessoas empregadas nestes trabalhos, em Vigo, estão desapontadas; no intimo talvez se felicitem pela nova feição que a guerra assumiu.

Deixei Vigo debaixo do permanente estribilho: Arriba Franco!

NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA.

O Inglez falado em Nova York

Leio no *American Mercury* interessante artigo sobre a linguagem em Nova York e me lembro de que, numa das minhas ultimas viagens a Paris, Lugné Poe chamou a minha atenção para o pessimo francez que ali se ouve, em comparação com a linguagem mais pura de Grenoble, por exemplo, grammatical e prosodicamente falando, dando-me o exemplo de Maurice Chevalier e Edouard Herriot para essa singular diferenciação.

O popular «chansonnier» chega até ao extremo de falar, quando quer, puro «argot» de Montmartre, o que, aliás, constitue a essencia do seu successo no theatro, quando entôa uma daquellas magnificas charges como a do *Prospère* — ao passo que é um encanto ouvir um discurso do erudito «maire» de Lyon. Ora, em Roma tive occasião de demonstrar a Bontempelli que em toda a Italia não existe idioma mais puro e sonoro que o italiano de Siena, embora em Veneza se fale bem nas camadas sociaes elevadas, em contraste com o dialecto do povo, que das margens da Laguna se estendeu até Trieste, onde o *c* passa a ser pronunciado como *z* e o *h* como *g*.

O inglez de Nova York, phoneticamente, é grotesco, e qualquer *chauffeur* de caminhão em S. Francisco ou Boston, pronunciaria melhor as palavras que, ouvidas da bocca de muita gente bôa da 5.^a Avenida e Central Park, dariam a idéa de sahir da garganta de «gangsters».

E' commum, por exemplo, ouvir-se de estudantes universitarios *erl boiner* por *oil burner*. Vejamos o trecho de um discurso dos exponentes das «massas»: «Fella woikus! Eighty yeahs ago Koll Mox said, woikus of de woild, unite. Now is de tahn to ogganize...» em vez

de dizer «Fellow workers! Eighty years ago Karl Marx said: workers of the world, unite! Now it is time to organise...» Isto é, está claro, o peor que se pode ouvir no genero de «Bowery», que se pretende limitar á zona das cervejarias, *bars* e *music-halls* da cidade, mas que se generalizou de tal fórma que já não é somente o dialecto de uma zona citadina, mas de toda Nova York.

Quanto ás vogaes, consoantes e consoantes ou *h* mudos, o newyorkino átinge ás raias do impossivel, visto que se ouve commumente pela pronuncia do povo ou de lettrados, especialmente de reporters, uma confusão completa, assim como a respeito do *r* que, por exemplo, na palavra *gardner* é, ás vezes, pronunciada correctamente, outras *gahdner*, *gardneh* ou *gahdnuh*.

Ouvi nos Estados Unidos pronunciar-se muitas vezes B'nahd Shore por Bernhard Shaw e *lore* por *law*, *beffoh* por *before*, etc. A pronuncia do *i* é tambem tão disputada como o *u* longo. Quando ao *wh* o mais commum é ouvir-se a barbaridade de sua supressão absoluta: *w'ite w'ale* por *white whale*.

Quem já ouviu o annuncio de uma luta de box, no jornal falado, deve ter notado o importante cavalheiro que apresenta os lutadores: *ladies and gempmen!* por *ladies and gentlemen*.

Entre os educados, que se esforçam em falar inglez correctamente, notei gente ainda que pronunciava *eye-the* e *night-ther* em lugar de *either* e *neither*, o que equivaleria a dizer *eya-ch* por *each*.

Sem duvida, o idioma de Nova York é uma materia viva e plastica que se desenvolve, a julgar pelas condições de sua phonetica arrevezada, mas seria o caso de perguntar porque os mestres nas escolas e universidades, não o policiam como os guardas controlam o trafego em suas ruas.

De uma pessoa a quem eu pedia razões sobre esse estado de cousas, tive por resposta o seguinte: «I think wen a man was bohn in America he ought to talk like an Amurican». *And that settles it.*

VINICIO DA VEIGA.

EMBÁRCAR

Embarco, apressada mas animosa na galera dos versos dos outros. Vou de hombro com os poetas

[novos.

Mas sempre com uma saudade daquela idealismo, daquela elegancia e irrealismo do sublime Pessanha!

Versos, enganos maravilhosos! Finura da alma, mesmo da grosseira, interessada.

Um verso, sem querer, um verso que se lê e o poeta despevenido escreve, amachuca o nosso inimigo...

O politico e o homem que vende, o escriba e o da intriga; um, mas vário e multiplo, constante e mudável, que em todo o lado está...

Um verso, sem querer, nem o proprio poeta suspeitar, amachuca-o, estigmatiza-o, desobriga-nos...

Um verso que nem o poeta é, que é o verso, uma coisa livre, uma entidade sem destino nem origem, solta no tempo, aberta no vago mar ou ainda no mais vago espaço!

Um verso, imponderável, quasi irresponsavel, que ánulla sempre muito mais do que cria... Que subtiliza e rarefaz. Grande e cêgo como um rei...

Ai, nestas horas ruins, que são tantas e tão desanimadas, nesse verso, qualquer, embarco eu como num barco que desamarra.

JOÃO FALCO.

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL

NOVIDADE

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

O ROMANCISTA AMADEU DE QUEIROZ

Somente á sua incrível modestia e ao alheamento absoluto mantido com relação aos ambientes litterarios deve o snr. Amadeu de Queiroz o não andar grimpado pelas columnas dos jornaes, desfrutando de uma justa e merecida popularidade.

De *Praga do Amor* a este *A voz da Terra*, onde está o melhor do seu talento de ficcionista, vem, sem cabotinadas ou estardalhaços, construindo uma obra destinada, sem duvida, a figurar entre o que de melhor no genero se tem produzido, entre nós. Não pela resonancia que possa ter encontrado na grande massa de leitores, pois ella é, realmente destinada ao gosto facil do grande publico. Composta de alguns estudos historicos, dois romances e uma novella tem, como disse, seu «climax», neste *A voz da Terra*, de recente publicação.

Apezar dessas credenciaes o nome deste romancista não é conhecido como deveria sêr e mesmo este ultimo romance não teve a repercussão a que faz jús. Mesmo aqui em São Paulo, onde reside ha muitos annos, embora natural de Minas, seu nome não anda frequentemente citado.

Já falei na sua incrível modestia. Modestia que o levava, até o penultimo volume, a assignar-se simplesmente A. de Queiroz, lançando não pequena confusão nos arraias litterarios.

Pouco se sabe, aliás, a seu respeito. Pelo menos entre os moços. Para uns não passa de um mineiro arredo, desconfiado, pouco amigo de conversas. Outros sustentam tratar-se de um velho nada sociavel. Os mais bem informados diziam ser um funcionario de não me lembro qual Secretaria do Estado.

O interesse despertado por *A voz da Terra* levou mais longe a bisbilhotice e, segundo me informam, o homem é um senhor de idade já avançada, muito amavel e franco, alto funcionario de uma Drogaria, dono de uma cultura muito solida e um bom senso mais solido ainda.

Certo ou errado, é o ultimo palpite que ouvi sobre este romancista. Falando francamente, nada disso interessa ao leitor. Se o romancista é assim ou assado, que nos importa? Basta que ao escrever o faça real-

mente com talento, seja sincero e tenha o que dizer.

Essas qualidades a gente encontra neste romancista em doses suficientes. Principalmente em *A voz da Terra*, um dos romances mais suggestivos e actuaes da nossa moderna litteratura. (Escripto com uma encantadora simplicidade, apresenta-nos em verdade um narrador seguro da sua arte, dotado de uma enorme capacidade de critica e observação.

Revivendo, com toda certeza, scenarios amados na infancia, soube trazer até nós esse mundo distante e encantador, impregnando-o de uma suave e melancolica poesia. Um certo quê de idyllico, a lembrar antigas pastoraes, exigindo comparações onde Virgilio seja citado, mesmo aos que só o conhecem por ouvir dizer, onde se fale em bucolismo, etc.

Lembra muito bem o «clima» de *Um vagabundo toca em surdina*, de Knut Hansum. Aquella mesma melancolia das coisas sem remedio, que se infiltra pela gente sem que se saiba como, tomando conta da nossa sensibilidade, fazendo-nos voltar ao passado, numa saudade que é bem aquella definida na sovadissima phrase de Almeida Garret.

A integração do homem na terra, processada quasi inconscientemente, resultado do contacto com o chão semeado na faina gloriosa de fecundal-a, integração que o torna um desenraizado, um inquieto quando longe della, eis o leit-motiv expiorado pelo snr. Amadeu de Queiroz.

Falaram no *Chanaan* a proposito deste livro. Mas na obra de Graça

Aranha predomina o contacto do estrangeiro com o sólo que vae ser o seu, com a terra que o nutrirá e o acolherá, para a eternidade. Aqui, o drama é bem outro. E' o personagem humano marcado pela terra, em busca de uma tranquillidade impossivel longe della.

A marca da terra, talvez precisasse mais claramente o sentido do romance. Personagem numero um e, sejamos francos, unico de existencia realmente penduravel, ella é tambem a unica a «ficar». Torna-se um corpo vivo, ganha alma, fala pela voz das suas coisas.

Não recortando mais vivamente personagens humanos, deixando-os mesmo numa certa penumbra, numa certa indecisão de traços, claro está que, virada a ultima pagina do volume, não mais nos lembramos delles.

Com certeza foi essa e não outra a intenção do autor. Intencional ou não, o facto é que o romance decêe, perde a intensidade, torna-se mesmo incolor, quando o scenario passa a ser a cidade. A gente chega até a achar cacete aquella Florinda entrando para o convento como se o convento fosse uma solução para o caso.

Isso revela, claramente, a pouca significação do elemento humano na obra do snr. Amadeu de Queiroz. Aliás, uma coisa a ser accentuada é a extrema finura com que o autor os movimenta. Não parecem caminhar pelo livro. Deslizam, isso sim. Tudo decorre num deslizar suave, terno, sem notas chocantes, sem descabellamentos por parte de ninguem. Sirva de exemplo a scena em que Florinda surprehende a mãe em franco adulterio. Com que delicadeza o autor nos colloca frente aos soffrimentos daquella e ás inquietações desta!

Mas já disse que o importante aqui é a terra. Somente ella tem significação profunda e immortal. Está nestas paginas todas, transcendendo-as mesmo. Por sua causa sahimos do romance embebidos de uma doce e suave ternura e, todos aquelles que tiveram a felicidade de viver a infancia numa fazenda sentirão novamente o «mundo perdido», num retorno que é todo um descobrimento.

EDGAR CAVALHEIRO.

Acaba de Aparecer:

Gastão Cruls

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos à

Civilização Brasileira S. A.

Rua do Ouvidor, 94

RIO

A bibliographia de Capistrano de Abreu

A obra de Capistrano de Abreu está sendo reunida e divulgada em volumes pela «Sociedade Capistrano de Abreu».

E' o unico centro de relevo palpavel e digno de registro que evoca em letra de fôrma o grande acervo da eficiencia mental de seu patrono.

A obra conhecida de Capistrano de Abreu era, até então: *O Brasil no seculo XVI, O Descobrimento do Brasil, Capítulos de Historia Colonial e RÂ-TXA-NI-KU-I*; hoje temos novas edições do segundo e do terceiro e os novos volumes *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, Primeira visitaçào de Santo Officio ás partes do Brasil, Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça* e 3 series dos *Ensaio e Estudos* (Critica e Historia).

Apparece, justamente, neste momento, a 3.^a serie, cujo summario é o seguinte: I — *Historia* — João Cointa, Senhor de Bolés; Clerigos e Leigos, Ceará e Rio Grande, Sobre a Colonia do Sacramento, Phase do Segundo Imperio, O Brasil no Seculo XIX; II — *Notas bibliographicas* — *Historia Patria*, Noticias atrasadas. Livros novos, Para a historia; III — *Linguistica e folk-lore*: Os *Bacaeris*, Os *Caxinauás*, *A lingua dos Caxinauás*.

Deprehende-se dahi que o esforço da Sociedade para juntar a producção avulsa de Capistrano de Abreu, é assáz grande e digno de nota.

A bibliographia do autor de *O Descobrimento do Brasil* é daquellas que encerram verdadeiros problemas.

O *Globo*, a *Gazeta de Noticias*, *A Noticia* foram os jornaes onde mais trabalhou Capistrano de Abreu.

Na *Gazeta de Noticias*, em fins de 1893, appareceu o primeiro artigo da serie *Cartas Litterarias*,

dos quaes cotei do II (1-1-894) ao XII (31-7) — serie assignada com as duas iniciaes C. A.

Dizem, uns, serem de Capistrano de Abreu, outros, de Constancio Alves.

Como resolver esta pequena equação bibliographica?

Precisamos, entretanto, fazel-o, emquanto é cedo.

Naquelle primeiro jornal, no dia 7 de agosto de 1875 é encontrada uma nota de redacção: «Escola Polytechnica — Curso de tecnologia pelo professor Guignet» e no exemplar da Bibliotheca Nacional, encontramos, no fim da nota, este commentario a tinta: *Capistrano de Abreu escreveu*.

Será mesmo de Capistrano?

Pelo assumpto não se poderia dizer que foi mesmo o grande historiador quem a escreveu.

Transcrevemos a nota como lá está, com as reificações já feitas a tinta.

ESCOLA POLYTECHNICA

Curso de tecnologia pelo sr professor Guignet.

A tecnologia não é uma destas sciencias abstractas em que a imaginação perde-se em contemplações infindas e a fronte fulgura com os arreboes de ideal.

Tão velha como o Homem, — pois já existe quando o selvagem produz fogo pelo attrito da madeira, ou procura nas côres matizes para tingir a pelle, é uma sciencia applicada, e comprehende principalmente o estudo da physica e chimica industriaes.

Demonstrar sua utilidade é superfluo. A sua ligação com a industria está patente, e para mostrar quanto a industria influe sobre as sciencias, sobre a riqueza, sobre a moralidade, sobre a politica, sobre toda estrutura da sociedade em summa, basta um volver de olhos (1) á historia.

A sua importancia é (2) menual e social.

Foi, tendo-a em vista que nos propuzemos redigir as lições que o sr. professor Guignet vem dando na Escola Polytechnica.

Si assim conseguirmos estender o circulo forçosamente limitado de seus ouvintes, si, tornando mais conhecidos os seus trabalhos, conseguirmos augmentar a influencia que estão destinados a exercer, teremos realizado nossos unicos desejos.

Os quatro elementos dos antigos. Ar, Agua, Fogo, Terra, Silica e suas formas. Alumina e suas formas.

Dos quatro elementos admittidos pelos antigos, nem um é reconhecido pela Sciencia. O ar é uma mistura de dois corpos: o oxigenio, que serve para a respiração, e o azoto, corpo inerte, que apenas atenua as propriedades activas de oxigenio. A agua é formada deste mesmo oxigenio e de um gaz combustivel, o hydrogenio. O fogo não é substancia particular, mas o estado de todo o corpo esquentado bastante para tornar-se luminoso. Emfim a terra é uma mistura de grande numero de materiaes diferentes.

Entre estes devemos distinguir a silica e a alumina que, combinados, produzem as argilas (ou barros).

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A

Rua do Ouvidor, 94

RIO DE JANEIRO

A sílica é muito frequente no reino mineral, porém suas formulas podem reduzir-se a trez: *crystallisadas, amorpha e hytratada*.

Entre as formas *crystallisadas* contam-se o *crystal* de rocha ou *quartz hyalin*, semelhante ao..... (3) que os antigos erradamente *suppunham* provir de gelo enterrado por mil annos, e que os modernos tem conseguido produzir em pequenos pedaços nos laboratorios; os grês (pedras de cantaria) formados de pequenos grãos de *quartz agglomerados*; e as arêas quart-zosas, resultando ás mais das vezes da desagregação de grês ou outras rochas *siliciferas*.

Entre as fôrmas (4) *amorphas* contam-se o *silex*, compactos e duros, como a *pedra de fusil* e de *mó*; e do *agathas calcedonia, omnix, sardonix*, formadas concentricas e variegadas.

Entre as fôrmas *hydratadas* estão a *hydrophano*, a *opala* e as *geyseritas*, depositos formados pelos.... (5) da *Islandia*.

Os chimicos chamam a sílica *acido silicioso* porque pode combinar-se com a *potassa* e outras bases para formar saes chamados *silicatos*, que são muito numerosos e importantes.

O *silicato* de *potassa*, por exemplo, preparado pela acção da *potassa* ou *carbonato de potassa* (sobre o *quartz pulverizado*) é *soluvel* na *agua* e fôrma uma *dissolução* muito empregada para tornar solidas as *ligaduras dos membros facturados*.

Tem tambem lembrado os *silicatos* para tornar duros, mas o primeiro uso não tem provado bem e o segundo não apresenta os tons vivos e rutilantes de *oleo*.

Desde os fins do seculo passado *suppunham* que a sílica era um corpo composto; mas só em 1825 *Berzelius*, chimico sueco, conseguiu isolar o *silicium*, corpo que arde como *carvão* e se converte em sílica, quando *amorpha* e quando *esquentado* ao contacto do ar; porém, quando *crystallizado*, resiste sem alteração ao calor *vermelho*.

A *aluminia* se encontra algumas vezes no reino mineral pura e *chrySTALLISADA*, constituindo pedras preciosas de preço muito elevado, como o *carnidom*, *saphira*, *rubins* e *topazio oriental*.

Pelo processo de *Ebelmon* tem-se conseguido reproduzir-as em pequenas amostras e para obter *aluminia* pura nos laboratorios basta *calcinar* *pedra hume amoniaca* até tornar-se *vermelha*.

A *aluminia hydratada* apresenta o aspecto de

uma massa gelatinosa branca, como a *silica*, e, pela propriedade que possui de fixar as *materias colorantes*, é, muito empregada nas tinturas.

Só no anno de 1825 *Wohler* descobrio o *aluminium*, mas as suas propriedades, como *metal usual*, e sua fabricação em grande quantidade datam dos estudos de *M. Henri Saint Claire Deville* em 1855 (6)

ANTONIO SIMÕES DOS REIS

(1) — Estava impresso *olhar*; corrigido para *Olhos*.

(2) — Estava e; emendado para é.

(3) — *Lia-se vidro*; a revisão parece oiro, mas não está muito claro.

(4) — Impresso *favmas*, para *fôrmas*.

(5) — Impressão falha.

(*) — Assim, um tecido de algodão impregnado de *aluminio*, torna-se *vermelho* em um banho de *granza*, que os chimicos reproduziram com o auxilio do *alcatrão de hulha*. Com a *aluminia*, misturada de *oxydo de ferro*, no mesmo banho, obtém-se cores *violeta* e *escuro*, e com o *oxydo de ferro*, somente *negras*.

(6) — 1825; corrigido para 1855.

CANTO ENTRE O CÉO E O MAR

A terra é um grito de basalto.

Os montes são muralhas. A luz morre

Aqui primeiro.

— Embora prisioneiro

Sou livre olhando o céu do alto

Da minha torre.

Este valle é um carcere. Sómente

Tentada ao mar, voltada ao Sol Nascente,

Rasgou-se a rocha viva.

Abriu em taça, em pórtico de ogiva.

— Taça de azul, por ella,

Me embriago de azul na minha cella,

Se beijam céu e mar

No meu olhar!

Cercam-me alturas, penhas como escolhos

Bordanão abysmos. Se levanto os olhos

Para a mais alta fraga,

O azul do céu alaga

A Montanha e o Mar.

— Sou livre! Nada esmaga

Ou limita

Esta sede infinita

Que é o melhor do meu ser.

E quando subo e atinjo a mais distante,

A mais erguida altura,

As mãos em sangue, o olhar ardente, o peito arfante,

— Sou alegria pura

De lutar, de vencer!

Se volto os olhos para o mar profundo

Trago da immensidade

Azul, nos olhos, todo o Sol do mundo.

— Que o Mar é liberdade, divindade

Ainda mais do que o céu!

« E é nos valles profundos

« Que se forja e se ganha

« O poder, a alegria

« De vencer a Montanha.

AUGUSTO CASIMIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

Tendencias do lyrismo portuguez contemporaneo

(Trecho de uma conferencia)

Alguns destes poetas — Casaes Monteiro e Alberto de Serpa, sobretudo — entendem que ha poesia fora das combinações estrophicas e metricas da tradição e ahí com seu versi-librismo a procuram, Casais quasi sempre, Serpa exclusivamente.

Não é preciso insistir no que é sabido de quantos se interessam pelo phenomeno poetico: que a versificação não tem evoluído no sentido da maior expressividade e liberdade do rythmo, senão porque vimos caminhando no sentido de uma cada vez mais intima adequação da forma a uma realidade cada vez mais surpreendida de mais perto — neste caso o liberismo, caprichoso rythmo da vida interior. A substituição do molde rígido do verso greco-latino, com o seu *rythmo quantitativo*, inalteravel perante a variabilidade do *tonus* emotivo, pelo verso romantico, accentual, *qualitativo*, em que a duração como a altura do som estão muito mais dependentes da intenção de quem o escreve ou lê; e, depois, continuando a evolução,

a substituição do verso classico pelo verso romantico que torna a *pausa* independente da *Cesura*, mais ajustando assim a linha melodica e o movimento rythmico á regularidade ou á irregularidade do movimento emotivo — tudo isso era bem natural prosseguisse até chegar á experiencia do versi-librismo. Parece verificar-se, afinal, aquella observação de Hegel: «O sentimento que o espirito tem da sua liberdade oppõe-se a que o lado temporal da lingua se mantenha em sua realidade objectiva, se deixe affeiçoar e coordenar para si proprio, de maneira independente».

E' este sentimento de liberdade — e é a consciencia, aguda como jamais, do desbordante tumulto interior — que repellem a complacencia com o rythmo predeterminado pela regra universal, cujo effeito sobre o espirito, diz ironicamente o poeta Claudel, tambem versi-librista, que o constitue «*num estado harmonioso. Sente os seus movimentos e pensamentos adoptados pela ordem eterna. Eil-o*

desprendido do casual e do quotidiano. Dorme».

Abaixo, pois, os metros fixos, e a rima, e as formas estrophicas, e os rythmos habituaes! Tudo isso é criação alheia que limita a liberdade da criação propria, pressão de moldes estranhos sobre a lava que procura expandir-se, libérrima. E tudo isso é ainda a pretensão de ter esgotado, nas estruturas sonoras da tradição, as indefinidas possibilidades do rythmo da lingua. Seja livre o verso como é livre a emoção que traduz — e a que deve adaptar-se!...

Numa exposição onde se procura mais inventariar e comprehender do que valorar o que se vai encontrando, segundo qualquer escala criteriologica, propria ou alheia, em face de tal explicação do versi-librismo, não ha tempo para mais do que lamentar que nem tudo sejam ganhos, neste incontestavel progresso da capacidade de captar pela phrase poetica a verdade interior. Esta interiorização da poesia e individualização da expressão rythmica não terão, porventura, ido até a negação daquelle minimo de sociabilidade pela arte. implicito no proprio conceito de «*expressão*»? Um individualismo que se fecha, na rebusca dos infinitamente pequenos do mundo interior, perante quem poderá *exprimir-se*, se se nega á convivencia espiritual pelos processos normaes de comunicação? Depois, terá sido assim inutil a experiencia da humanidade na realização e na fruição do encantamento poetico? E não estão o rythmo e a harmonia do verso, ligados a modificaveis leis psychophysiológicas, de cujo desprezo a natureza se vinga, condemnando á morte as formas de arte que as contrariam? O facto de, erradamente, durante muito tempo se ter julgado que a poesia consistia exclusivamente na musica, sensível a todos; na imagem, para todos brilhante; na combinação das formas estrophicas, a todos grata; numa palavra — nos ornatos exteriores impostos pela convenção e pelo gosto unanime —, poderá tal facto, diziamos, justificar esta renuncia a quanto a discreta utilização de taes recursos pode trazer de adjutorio do encantamento poetico?

Assim pensam, (ou praticam, como se pensassem) em grande maioria, os proprios poetas mais enamorados do *novo* de mais viva

PARA A NOIVA QUE SE PERDEU

*Está ausente e todavia ouço a sua voz
percebo sua sombra se desenhar na alameda do parque
e sua palavra acordar trinos de passaros na tarde.*

*Ouçõ o vento chorar nas altas arvores distantes
e a memoria soluça humilhada.*

*Lembro-me do crepusculo doce se esvaindo entre ruidos de sinos,
e eu e ella, de mãos puras, ouvindo a Ave Maria;
de roví Sadina que, sobre a mesa,
os pratos ia mansamente pondo
enquanto os labios balbuciavam a oração da Virgem.*

A tarde desce sobre o lago mergulhado em sombras.

*A memoria é mais sincera e mais dilacerante do que o orgulho,
absoluta como o silencio da noite que augmenta as vozes e os gritos.*

*Está tão distante como os trens da infancia
e cada vez se afasta mais
e cada vez mais se distancia.*

*Meu desejo é não lembrar
ser mais forte do que a saudade e o lyrismo.*

Absoluto, porem, é o silencio da noite que augmenta as vozes e os gritos.

HENRIQUE CARSTENS.

modernidade, incluindo os mais audaciosos da vanguarda, como José Régio — e ás vezes, posto que raramente, o proprio Casaes Monteiro.

Nenhum, porém, fez do rythmo e da harmonia tradicionaes uma tão fina voluptuosidade como Antonio Bôto, cuja veia lyrica, mesmo promanando ás vezes de lodosa fonte jamais deixa de esplender no banho lustral da forma perfeita e musical.

Não sei se, depois desta exposição, demasiado longa para os meus direitos á vossa atenção, excessivamente curta para os direitos que o assumpto a ella tem, eu poderei gabar-me de ter dito o sufficiente para se poder concluir:

Que a poesia moderna vae deixando de ser eloquencia mais florida, ao serviço de qualquer ideologia e no interesse de qualquer proselytismo, para se converter em discreta comunicação de emoções cada vez mais intimamente pessoas;

Que, assim, desprendida de tudo o que a tornava em oratoria superficial, tanto mais sonora quanto mais vazia, para facil commoção de todos, ella se vae tornando cada vez mais profundamente intima, quer a sua visão tenha como objecto o mundo exterior, quer se debruce sobre o mundo interior;

Que, num ou outro caso, o pittoresco da forma é frequentemente esquecido e a poesia parece cada vez mais restituir á pintura o pincel e á esculptura o cinzel que lhes tinha usurpado, ficando ás vezes bem perto da musica, mais para despertar suggestões do que para definir idéas ou sentimentos precisos;

Que todavia, neste intuito, não é a musica do metro classico a que alguns utilizam, mas — quando della ha a preocupação e o sentimento, o que nem sempre acontece — uma musica liberrima, que espontaneamente se desprende da phrase, variavel segundo as tonalidades que a emoção vá tomando, ou através da composição, ou através da linha melodica do proprio verso:

E, finalmente, poderemos desde já adivinhar, embora o não tenhamos exemplificado, que esta poesia, porque mais de uma vez procura transpôr para a pagina estados de alma que sobretudo inte-

ressam ao poeta pelo que têm de estranho e inedito, em sua obscuridade ou incoherencia, inapprehensivel vaguidade ou doentia desconexão, chega a *deshumanizar-se*, quero dizer, a fechar-se, nos limites da estricta preocupação pessoal, a toda a sympathia e interesses humanos. E', afinal, uma repercussão das tendencias que levaram ao *super-realismo*, ou seja á *poesia-actividade-do-espírito* (e actividade espontanea, subconsciente, automatica, sem o minimo esforço da razão organizadora), por que se procura substituir a *poesia-meio-de-expressão* — para me servir da formula do super-realista Tzara.

E é nisto que está o seu mal.

E' evidente que não são os poetas que terão de baixar á incultura do povo, mas o povo que precisa de subir á cultura indispensavel para os poder comprehender e sentir. Mas é necessario que elles não sejam, pelo hermetismo dos seus versos, inaccessiveis a qualquer cultura. Os excessos, todavia, hão de passar — e em boa parte já passaram — e a poesia, apesar do eclipse que ora atravessa, pode ainda desempenhar a sua função: senão a de ser a guia espiritual, ao menos a semeadora daquella belleza, delicadeza e ternura que tornam a vida amavel — e de que cada vez mais sentimos a falta.

HERNANI CIDADE

ESPELHO

Para Agrippino Grieco

*Pensando conseguir o que sonhara
numa tentativa vã
eu escalei a mais alta das montanhas,
e trêmulo ainda encontrei a meu lado,
a dôr e o mal.
Vi então chorarem commigo as próprias nuvens,
as suas aguas formando um lago de cristal
e no espelho dellas reflectindo
a minha sombra, soffrendo, cansada e só...
E abaixei os olhos para o mundo, vi de lá
a longa estrada percorrida
na ansia louca de ser o homem feliz!
As cidades enormes, as famosas metrópoles,
eram pontos brancos encravados no horizonte;
os homens eram vis tortulhos
na luta incerta do trabalho insano.
Porém, as boccas que eu deixára cheias,
alçavam-se vacias para cima,
como esperando o repetir da scena biblica.
E, eu do alto via agora estarecido
que as estrellas estavam ainda mais longe...
A flôr manhã nascia e com ella o sol me illuminava
pensei então que devera ser sublime,
quasi tocar o céu com os meus dedos
e ter nas minhas unhas, a scintillarem, estrellas;
porém como o Senhor tardasse
e as nuvens não dissessem que eu receberia uma nova Taboa
e pelos céus nada houvesse que annunciasse
que por acaso eu fosse um propheta, ou um eleito;
olhei para dentro de mim mesmo
pude então ver que dentro de meu cerebro,
carregava ainda a maldita sarabanda
dos vícios que esquecera de alijar,
na ascensão milagrosa para a luz!*

WILSON RODRIGUES

Theatro

IBSEN

Clemencia Jacquet, no seu livro *Ibsen e sua obra*, assegura que é indispensável conhecer a Noruega, para compreender e julgar Ibsen. Não sou deste parecer. Uma obra vale pelo que contém de universal. Certo, o ambiente, em que vive o escriptor exerce influencia na concepção e realização da obra. Mas esta deve ser examinada em si mesma, isolada do escriptor e das influencias do ambiente. Do contrario não analysamos a obra, mas sim a obra através do autor. Sainte-Beuve pretendeu sempre ver o homem através de seus escriptos: erro, que só poderá prevalecer quando se pretender justificar defeitos ou exaltar qualidades.

No caso de Clemencia Jacquet, havia, effectivamente, necessidade de conhecer a Noruega e a biographia de Ibsen, isso porque não examina as suas peças sob o ponto de vista da arte, mas sim para reforçar o seu conceito do individualismo de Ibsen.

No citado livro, Clemencia Jacquet declara que Ibsen só lia um livro: *A Biblia*. Certo. Mas também é certo: foi director de theatro e, como tal, devia conhecer as obras dos gregos. A sua technica retrospectiva, Ibsen encontrou-a seguramente em *Oedipo-Rei*, de Sophocles. E o seu dialogo, é assimilado de Platão. Nos seus trabalhos da primeira phase, Ibsen é um dramaturgo agitador de idéas, mais ou menos atrevidas. Na architectura theatral, nada o distingue de outros escriptores. A originalidade, que o collocou entre os maiores, só se nos depara nas peças da segunda phase, dentre as quaes temos em especial apreço *A casa de Rosmer*. Criticos autorizados têm negado sejam humanas as personagens centraes da *Casa de Rosmer*. Affirmam que Rosmer e Rebecca movem-se e agitam-se na pura metaphysica. Discordamos. E o motivo de nosso desacordo ressaltará da analyse, que faremos, após dar em synthese o thema da peça.

Rebeca induziu Felicia, mulher de Rosmer, ao suicidio. Morta Felicia, continua a viver ao lado de Rosmer, como amiga dedicada. Claro está, acredita toda gente, a começar da criada da casa, que Rosmer é amante de Rebeca. Não é. Vivem um ao lado do outro, commungando as mesmas idéas avançadas, idéas pelas quaes Rosmer abandonou a religião de seus maiores. Kroll, irmão de Felicia, ignorando as idéas radicaes de Rosmer, vem propôr-lhe apoiar o partido conservador. Rosmer recusa. Kroll, indignado, jura vingar-se. Mais tarde, diz a Rosmer a opinião corrente: — Rebeca é ali mais do que simples amiga. Informa-o, outrossim, de que Felicia se suicidou justamente por saber que elle, Rosmer, amava Rebeca e abandonára a fé de seus maiores. Tanto bastou para que se sentisse Rosmer infeliz: a felicidade só lhe era possível com a consciencia tranquilla, cousa impossível agora que se sabia indirectamente responsavel pelo suicidio da esposa.

Rebeca, então, para restituir-lhe a tranquillidade de consciencia, confessa que induziu Felicia ao suicidio. Fez-lhe crer necessaria sua morte á felicidade de Rosmer.

E Rosmer medita: Rebeca seguiria o caminho de Felicia, por amor delle?

Rebeca responde affirmativamente. E ella e Rosmer atiram-se ao rio.

Rosmer poderia acceitar a conclusão de que a mulher se suicidára por muito o amar. Mas também poderia admitir o fizesse para que a sua sombra se interpuzesse entre elle e Rebeca. O suicidio tomaria um character de vingança á insinuação de Rebeca para que se matasse.

Qual a situação da pessoa que leva outrem ao suicidio?

Evidentemente isso depende do temperamento e do character dessa pessoa. A tendencia de quem pratica uma falta é procurar attenuantes para a mesma e certo é: de sophisma em sophisma, poderá chegar á conclusão de que agiu bem.

No facto, recém-verificado, do irmão que se suicidou porque declarara a irmã não tinha elle character, nem coragem nem mesmo para o suicidio, prova o seguinte: a vingança levando o vingador ao suicidio. Tanto que o irmão fez questão de que soubessem todos: suicidava-se em virtude da declaração da irmã.

Rebeca, não fôsse constrangida pelas circumstancias, não teria revelado o seu crime. Logo a vingança, se houve, ficaria frustada. Para que alguém se vingue pelo suicidio, ha ter em conta o character ou temperamento de quem pretenda vingar-se.

Em *Casa de Rosmer* a felicidade tornou-se impossível. Questão attinente ao character de Rosmer.

No caso da irmã e do irmão suicida, aquella poderia allegar isto: disse ao meu irmão uma verdade. Si se suicidou não foi porque tivesse coragem, mas sim levado pelo amor proprio. Logo, o responsavel pela morte delle é o amor proprio.

No caso de Felicia, é conveniente observar ter ella declarado ao irmão, Kroll, que necessitava morrer *quanto antes*. Além disso, escreveu a um jornalista, inimigo de Rosmer, informando-o de que se falava ter Rosmer abandonado a fé de seus maiores. Que não acreditasse e nada publicasse no seu jornal. Essa carta ao homem, que elle, Rosmer, havia repudiado, o proprio Rosmer attribue ao estado da enferma. Mas podemos admitir que, vendo-se induzida ao suicidio e sabendo não haveria remorso em Rebeca, usasse Felicia da carta para que viesse Rosmer a scientificar-se da verdade. E o plano de Rebeca para afastar a seria feitiço contra feitiço: afastaria de Rosmer a propria Rebeca. Rebeca notificou Felicia de que Rosmer abandonára a religião, falta grave num pastor, e de que era amante della, Rebeca. O *quanto antes* demonstra que Rebeca insinuou estava grávida. Felicia teria a sua vingança de duas maneiras: vivendo, não cederia á Rebeca a vaga de esposa, mas não poderia impedir que Rosmer desprezasse a ella, mulher estéril, e continuasse a amar Rebeca, que lhe iria dar um filho. Quem mais soffreria?

Morrendo, os dois outros seriam felizes, salvo viesse Rosmer a ter conhecimento

da acção de Rebeca. A carta ao jornalista, longe de revelar um estado mental enfermo, pôde ser considerada como obra mestra da litteratura epistolar. Imputando a outrem o que informava, recommendava ao jornalista nada acreditasse, nem publicasse. Talvez quizesse mesmo a publicidade. Não a fez o jornalista: o prestigio de Rosmer era então enorme. Mas Felicia não se limitou á carta: falou ao irmão e é por elle que vem Rosmer a ter conhecimento de sua supposta culpabilidade no suicidio da mulher.

Informado Rosmer, seguem-se a sua intranquillidade e a confissão de Rebeca, quando soube por Kroll que Brandel, um philosopho radical, exercera grande influencia em Rosmer, acreditou poder substituir Brandel. Dahi porque entrou para a Casa de Rosmer. Mas sentiu por Rosmer uma inclinação selvagem, que a levou a induzir Felicia ao suicidio. A cada investida, ouvia uma voz que lhe dizia: «Nem mais um passo!» Embora: a um passo se seguia outro na estrada do crime. Tal qual a Thereza Desqueyroux, de Mauriac.

Na convivencia com Rosmer, soffreu também ella a influencia de seu character recto, mas incapaz de acção. Um Hamleto que pensa mas do que age. Ama-o. Já não pode, porém, ser a sua esposa. A sua vontade ferrea aquebrou-se no convívio de Rosmer. Sente-se incapaz de tomar o lugar de Felicia. A confissão de Rebeca é o ponto culminante do drama. Ahi palpita o dramático com a mesma pujança do coração de quem recebe um susto. Mas curioso é que não impolga o espectador. A razão disto está em que as personagens de Ibsen se revelam por determinações subitas. Da sombra passam bruscamente á claridade plena. E nisto é a Noruega actuando sobre o escriptor, si exacta esta informação de André Suarès: «... d'un seul coup, passe de l'hiver à l'été brûlant...». Ora, para lograr effeito dramático effícaz, já dissemos no nosso artigo «O theatral e o dramático na litteratura», (*Revista GRYPHO*, Bello Horizonte, n. 1, agosto de 1938), é necessario accumular pormenores, que mantenham a ansiedade do espectador, ansiedade que o retardamento do desenlace leva ao auge. O systema de Ibsen de oppôr a verdade á mentira tem algo de fictício. Na vida é raro que nos manifestemos com tanta sinceridade. Dahi o methodo de J. Jacques Besnard de suggerir o que calamos no que exteriorizamos, methodo de valor artistico excellente, mas pouco effícaz sob o ponto de vista dramático ou theatral.

Rosmer, após a confissão de Rebeca duvida de tudo e de todos. Rebeca diz-lhe: «Si pudésse restituir-te a confiança...

— Então, devolva-me a fé em ti, Rebeca! A fé em teu amor! Quero uma prova.

— Uma prova! Como t'a dar?

— Necessito-a. Não posso supportar esta situação, este vazio espantoso.

E mais adeante:

— Conheces um remedio para a duvida? — perguntou-lhe Rebeca.

Rosmer conhece o remedio. Terrível remedio, que se nega a revelar. Rebeca insiste. E Rosmer:

— Terias o valor de seguir alegre-

Artes Plásticas

OUVINDO O PINTOR REIS JUNIOR

O sr. Reis Junior expõe na Galeria Leandro Martins quinze telas que pintou no Brasil e na Europa — paizagens francezas, visões de Paris, de Arles, de Montpellier e de Marselha — e alguns retratos, dos quaes tres, magnificos, de creanças.

Nas paizagens limpidas e seccas, tudo se adapta á vista, sem tropeços. A tecnica independente desse pintor mineiro não requer admiradores dados a profundas cogitações cerebraes. Suas recordações plasticas de Carcassonne e de Montmartre são transmittidas de um iacto, seja a atmosphera ensombrada, melancolica, recolhida, do Moulin de La Galette, seja a luz timida e peneirada que torna tão mais claras e alegres as cupolas do Sacré-Coeur e os sobradões massivos em que mora a bohemia das artes de Paris.

Já na marinha marselheza, as côres constituem blocos possantes sob o sol aggressivo. E esse conjunto de marchas vivas indica os singulares recursos decorativos do artista.

As crianças, optimas. Nada mais difficil que pintar crianças, confiamos o retratista. Esses modelos inconstantes e tão mutaveis desafiavam os principios classicos da pose rigida. Ninguém pode retratar uma garota inquieta em observação demorada, aproveitando longas visadas. E' preciso apanhar as minucias no ar, nos momentos propicios, guardal-as e graval-as sem demora: uma verdadeira caça á expressão. Nisso, noutros igualarão o sr. Reis

Junior: a graça «espiègle» das meninas que elle pintou é de uma perfeição sem par, de uma innocencia encantadora.

Na paizagem «montmartroise» que o pintor agora nos aponta, nenhuma injuncção technica prejudicou os effeitos plasticos.

Vai uma horrorosa barafunda, entre nós, diz-nos o sr. Reis Junior, quanto á concepção do plastico. Plastico não é só volume, não é só esse relevo artificial, convencional, que pode ter menos poder de expressão que um desenho linear despretencioso e singelo. Vejam-se os desenhos simples de Suzanne Valadon, descoberto por outro pródigo da simplicidade, Dégas. Esses dois jamais transformaram em complexo a preocupação dos jogos de sombra e luz, do contraste entre o preto e o branco, da caça aos contornos salientes. Bem comprehenderam que uma côr lisa empregada com justeza, um traço inacabado podem produzir mais vivo effeito que um grande cubo, em perfeito relevo e com as sombras regulamentares, collocado em seu lugar certo apenas para encher espaço.

Nos quadros do sr. Reis Junior, nenhuma theoria dominou o sentimento, nenhum principio pesou no pincel. Reconhece o pintor que o

constructivismo, sendo uma barreira á emoção livre, afugenta irremediavelmente um infinito de nuanças. Assim, pinta os seus quadros apenas com a emoção.

Deante do Moulin de La Galette ou da encosta florida de Montpellier, armou o cavallette e traçou a impressão instantanea. Essa *impressão*, concluida com os dedos duros de um frio de dez grãos, foi desenvolvida e acabada em pleno tropico. Mas o tropico não alterou o jogo da luz fria do céu parisiense: as paizagens do sr. Reis Junior são esplendidas porque o pintor pintou mais que o pincel — e porque a emoção guiou o artista mais que a razão.

EMOÇÃO E TEMPERAMENTO

— Onde a razão penetra demais, diz-nos o sr. Reis Junior, o sentimento desaparece. E' por isso que, da impressão inicial, mas definitiva como atmosphera e como plastica, construo o quadro que fixa a paizagem distante. O effeito não se resente dessa transposição porque nenhuma parte foge, ah!, ás indicações do temperamento e da emoção.

Quanto ao retrato, genero difficil, cuja critica, no emtanto, está ao alcance de todos, o que importa é a semelhança physica, moral, o caracter, o traço intellectual. A capacidade primordial do retratista consiste em fixar o caracter do seu modelo. Só depois de traçar o retrato no papel, de desenhá-lo de maneira minuciosa e completa, é que penso em transpô-lo para a tela. O desenho é fundamental nos retratos. Não ha como deixar, entretanto, de modificar sempre pela impressão o desenho inicial, passando-o para a tela, em obediencia ás determinantes das côres, da luz e da sombra.

Nenhum objecto existe em si, mas pela côr que recebe e pelo ambiente em que está. Lembro-lhe o curioso caso de Monet, que pintou a mesma paizagem diversas vezes, em varias horas do dia, obtendo quadros cento por cento oppostos em seu aspecto geral, não somente na côr, como no proprio desenho.

O desenho é essencial, assim, como arcabouço da obra de pintura e, principalmente, no retrato. Só então poderão entrar em acção

mente, por amor a mim, o caminho de Felicia?

— Rosmer!

— Sim, Rebeca; essa pergunta me ocorrerá eternamente, uma vez tenhas partido.

Tudo isto me parece perfeitamente logico e bem humano.

Pela architectura sobria e pelo logrado da technica retrospectiva, pelo subjetivismo dramatico e pelo socratico do dialogo, a *Casa de Rosmer* é, das peças de Ibsen, a que mais me agrada.

JOSE' MARIA SENNA.

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Tradução de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

o sentimento, o temperamento e a marca do pintor.

A ARTE LIVRE, AS ESCOLAS E OS PRECONCEITOS

— São esses (prosegue o sr. Reis Junior) os fundamentos estheticos dos que fazem a arte livre, desligada de escolas e de relações cortadas com os preconceitos. A arte deve ser independente e, mais que isso, individual. Tanto pode ser classica, como impressionista, como cubista e primitivista: não interessam as escolas, em si, como conjuncto e produção, mas apenas os artistas, pelo que fazem. Os exaggeros das escolas nunca perduraram e jamais perdurarão. Como também não poderão subsistir as preocupações de transformar a arte em elemento de propaganda de doutrinas sociaes e politicas. A Europa inteira reage hoje contra essa traição ás razões superiores da arte, cuja missão não é, em absoluto, recrutar adeptos para este ou aquelle partido.

A pintura européa moderna procura, antes de mais nada, fugir aos excessos e aos ridiculos dos academismos, sejam estes conservadores ou revolucionarios. Sim, porque também ha um academismo da esquerda, tão odioso quanto o academismo classico, talvez mais, porque mais intransigente. Por essa tendencia, forçoso é concluir que, dos modernos e dos modernistas só ficarão aquelles que conservam as boas tradições classicas, aquelles que são livres na medida academica, como Ségonzac e Marquet, dois equilibrados no turbilhão dos Picassos e dos Riveras, apostolos de uma arte transitoria. As capellas, quaesquer que sejam os idolos, destinam-se ao desaparecimento inevitavel e fragoroso.

O caso Marquet é exemplar. Nada ha nesse pintor francez de preocupação com esse grandioso ficticio que se fez verdadeira furia nos falsos impressionistas e pseudo-renovadores. Marquet adstringe-se ás lições de Cézanne: pintando na Hollanda, na Suissa, na Russia, é sempre um pintor francez, porque o seu nacionalismo não é feito de preconceitos e de tabús, mas sim de espirito.

Já isso não acontece com aquelles que elevam á categoria de escola a imitação dos primitivismos da Guiné e do Congo, aos que querem

realizar *intellectualmente* aquillo que os negros e os indigenas realizaram por governo puro do instincto. Nesse esforço de emulação, alguma coisa, nos intellectualistas, haverá de ficar desajustado, canhestro. Essa arte não convencerá e, mais que tudo, não ficará.

Ha também que pôr de lado as preocupações rasteiras da materia plastica, com esta ou aquella qualidade de téla, de tinta, de verniz. O virtuosismo de certos nomes, infelizmente, cria escola e semeia imitadores. A «materia» de Picasso ou a «materia» de Foujita suscitam uma authentica epidemia, com resultados desastrosos.

A Exposição Internacional de Paris mostrou clarissimamente o desprestigio desses artistas preocupados com os accessorios e os elementos dispensaveis. O principio deformativo já se incorporou ao rol das mais despreziveis velharias...

O PINTOR NO BRASIL

— E sobre a vida do pintor no Brasil?

— O ambiente para o pintor no Brasil, limita-se a uma reduzida élite intellectual. Ora, essa élite de proporções muito pequenas, ainda tem o defeito de se concentrar em capellas, em clans fechados e intransponiveis. Além do mais, a critica que poderia orientar melhor taes circulos falha por completo em sua missão. E' uma critica improvisada e inconsistente, cheia de preconceitos e desprovida dos imprescindiveis elementos comparativos que somente a cultura pode fornecer. Assim, sem elementos para lutar contra esses obstaculos, o artista independente tem que viver á margem de tudo, numa attitude feita de desinteresse e de renuncia. A formula ideal encontrada nos Estados Unidos e no Mexico, (de aproveitamento de artistas) de merito real para a decoração de grandes edificios publicos e de monumentos nacionaes, bem poderia alcançar bons resultados entre nós. Mas seria preciso que o criterio da selecção de capacidades fosse ponderado, imparcial e eclectico, que se evitassem os favoritismos e os desmandos tão communs em iniciativas dessa natureza. Será isso tão difficil de resolver?...

DONATELLO GRIECO.

Ultimas Novidades

ARIEL

Gastão Cruls

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

VERTIGEM

(2.^a edição)

Cyro Martins

SEM RUMO

A. da Silva Mello

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCACÃO

José Simplicio

RETRATO POPULAR DE UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Gastão Cruls, o Príncipe

O escriptor Gastão Cruls, Director do BOLETIM DE ARIEL, realiza actualmente uma longa excursão pelas terras da Amazonia. O romancista de «A Amazonia Misteriosa» e chronista de «A Amazonia que eu vi» está empenhado em recolher documentação literaria e scientifica para um livro de conjuncto sobre essas immensas regiões do norte do Brasil. A proposito da passagem, por Belém, de Gastão Cruls, o sr. Raymundo Moraes publicou, nas columnas do «Estado do Pará», o artigo que, data venia, transcrevemos para esta pagina do BOLETIM DE ARIEL.

Medeiros e Albuquerque, o insigne Medeiros, o grande Medeiros, esturdió brincalhão das nossas letras, fez uma linda e memorial pilhéria com o penacho scientifico do illustre e notavel Gastão Cruls. Quando veio a lume *A Amazonia que eu vi*, o publicista do *Em Voz Alta* declarou, «urbi et orbe», que o autor desse livro só devia escrever sobre cousas que não visse, tão desinteressante se afigurou a Medeiros e Albuquerque o magnifico volume.

A Amazônia Misteriosa, de cujo scenario Gastão Cruls, a esse tempo era por completo estranho, pareceu, na realidade ou ficticiamente, muito mais veridica ao fulgurante academico.

Pode-se calcular o effeito litterario desta affirmativa. Quem não conhecia as duas obras, ou quem conhecia apenas uma, ou mesmo quem conhecia as duas porém se fiava mais na opinião de Medeiros de que na propria, fez logo beicinho ao tomo d'*A Amazônia que eu vi*, considerando-o de somenos, litteratura de carregação. Gerou-se dahi, sem duvida, através da collectividade legente e de todos os sectores da intelligencia patricia, o erro de que o volume de Gastão Cruls observado «in-loco», ao longo do Trombetas, não valia nada.

Antes de tudo é preciso dar-se o verdadeiro desconto ao espirito alegre de Medeiros e Albuquerque, prompto sempre a fazer uma *blague* litteraria com o seu melhor amigo. Sem o titulo dos dois livros, que se polarizavam na ficção e na realidade, jámais o criador d'*O Pé e a Mão* poderia ter realizado a chronica extremada nas fronteiras da imaginação e da realidade. Ou fazia a pilhéria ou esses periodos ficariam sem sal, ou, talvez mesmo, nunca mais viessem a furo. Entre as pontas do dilemma, Medeiros não hesitou: fez a «boutade».

Não se diga que lhe faltava cultura especializada para ler o volume e surprehender-lhe nas paginas as bellezas que ahi refluorissem. Ao contrario, possuia uma illustração acima do normal, bom gosto, arte, capazes de interpretar as minúcias porventura surgidas no caderno do medico, que ia vendo tudo pelo olho do naturalista. Memorial bordado de scintillações como um véo tropical lampejante de estrellas, á maneira daquelle outro de Euclides da Cunha — *Peru' Versus Bolivia* — não precisava duma intelligencia especializada afim de interpretal-o. Medeiros entendeu-o, e certamente admirou-o; todavia necessitava fazer a sua chronica, mais do que isso: dar nervos, elasticidade, pontinha de escandalo a essa chronica.

O mesmo succede, se pularmos do terreno concreto para o terreno abstracto, isto é, da carne para a alma nas azas desse espiritualizado *Memorial de Ayres*, de Machado de Assis. Muita gente affirma que só os especialistas em psychologia, e como contrapêso, no humor, podem gostar e exaltar a obra do maior dos nossos romancistas, principalmente do seu livro posthumo. Porque, garantem os exegetas, sendo o humor e a psychiatria artistica esta ou scientifica, derivantes duma alta camada mental, só os especializados o podem entender. O primeiro, sobretudo, vem de povos refinados nas entrelinhas, nas reticencias, nas leituras de traz para deante, ou melhor talvez, daquillo que não está escripto.

Assim é, de facto. Poetas por poetas sejam lidos, lá diz o proloquio na sua allegorica sabedoria. Nem por isso, no emtanto, os criticos alheios ao espirito saxão de Swift ou de Dickens, Mark Twain ou Sterne deixam de comprehender esse espirito altamente subtil e quasi inexplicavel.

Estas palavras, que deixo aqui á feição duma homenagem á inconfundivel figura de Gastão Cruls, principe da nossa litteratura, remarcam-lhe a radio-sa passagem pela terra morena de Belém.

RAYMUNDO MORAES.

SUPPLICA

*Deixe-me, Senhor, beber, sorrir, dansar,
Sorver a vida animada de todos os rythmos,
Irisada de todas as cores, perfumada
De todos os cheiros, molhada de todos os lodos!
Deixa-me viver e sentir a fraqueza da minha carne!
Ah! Pudesse eu possuir os espaços immensos,
Deslisando infinitas planicies!
Pudesse eu attingir os mais altos e
Vertiginosos cimos, pudesse eu subir
A inaccessiveis alturas para depois
Voltar á doce terra, desfeita num
Grande, benefico abraço de sinceridade para todos e
Apertar contra o meu peito a luz, o perfume,
O movimento, a côr, o amor, a humildade de todos
Os seres fraternaes.
Mesmo si para isso eu tingisse de
Sangue a minha tunica, eu quizera, Senhôr!*

LIDIA DE ALENCASTRO GRAÇA

Acaba de apparecer:

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruls

Livraria José Olympio Editora

«A Tunica inconsutil» e o neo symbolismo

E' de admirar a persistencia com que Jorge de Lima faz a côrte á sua musa, quando toda a gente apregôa a morte da Poesia, a quem até os proprios poetas, como o Schmidt e outros, acenam vez em quando com os seus adeuses symptomaticos e theatraes. Grande entre os maiores poetas do modernismo, poeta elle proprio egresso do parnasianismo, a cujo serviço passara dez annos garimpando pedrarias para as rimas caras e as chaves gloriosas dos seus sonetos, Jorge de Lima tem uma personalidade singularissima que desnorteia mesmo aos seus mais intimos. Não há quem possa affirmar o que fará elle amanhã, tanto é perturbadora a sua psyché, e inconstante a sua «vis» artistica. Tanto mais que a mariposa voluvel da sua sensibilidade dribla as expectativas mais audaciosas da gente.

E' uma sarabanda de emoções a poesia de Jorge de Lima. Ninguém como elle conseguiu por seus versos suggerir visões mais largas ao leitor, nem impregnal-o mais dos sentimentos que bailam nelles. Ahi está o segredo de sua poesia, dessa poesia a que a gente adere, bate palmas, pede bis, envolvente, assoberbante, esparadrapal. Da phase de esthesia — sonetos e alexandrinos —, por certo o mais frio dos seus momentos poeticos, graças á preocupação dominante e burguezia da forma e das exterioridades, salva-se muita coisa rica de emoção e massa de ideia. O *Accendedor de Lampeões*, onde a forma é apenas um accidente na belleza do pensamento, é dos raros sonetos que querem dizer alguma coisa. E talvez deva a sua fama ao dynamo de suggestões que ha nos dois tercetos...

Veio depois a primeira phase libertaria, a folklorica, que o situou entre os «grossos dreadnoughts» das nossas lettras modernas, como diria mestre Agrippino. E' forçoso reconhecer-lhe ainda ahi uma tal ou qual preocupação de esthesia, em que o rythmo é uma constante e um signal de identificação. Mas não se pode negar que são insuperaveis no genero esses versos, esses seus versos que são uma festa maravilhosa de musica, de rythmos e de emoção, onde fazem as honras da casa a negra

Fulô, a Yayá, o diabo brasileiro, os fradinhos da terra e a boneca de panno. Ha em todos esses versos um poderoso sentido de humanidade, que é a pedra fundamental da poesia de Jorge de Lima.

Derivantes dessa phase, são os momentos épicos do «Rio de São Francisco», do «Banguê», do «G. W. B. R.», e de outros, em que transparece, velada ou escancaradamente, uma certa intenção sociológica ou para-social. Dêsse mesmo clima é, aliás, o romance *Calunga*, de onde exhala intensa poesia, poesia epica e social, numa transpiração abundantissima: o pobre do Lula sonhador e o beato depravado e cynico são dois bonecos eternos do romance brasileiro.

Inquieto e traquinas, bulhento e insatisfeito, Jorge de Lima não ficaria ahi. O «enfant terrible» escalaria novos mundos. A poesia mysteriosa do incognoscivel o embruxaria e, com elle, novos neophytos seriam engodados. São dessa época os 45 poemas de *Tempo e Eternidade*, de cujas glorias compartilha Murilo Mendes, o antigo histrião, o clown da *Historia do Brasil*, hoje em dia um dos nossos poetas mais serios e menos satyricos. E' um grande e bello livro *Tempo e Eternidade*, que nos leva a caminhos nunca dantes perlustrados, muitos sem sahida, é certo, porém com frequencia longos e inacabaveis, coroados de horizontes gloriosos. Uma religiosidade envolvente faz desse livro, como de *A Tunica Inconsutil*, um mysterioso e alliciante catecismo que nos fascina a nós que não somos catholicos, e que nos dá gana de o ser, ao menos «só» poeticamente.

O romancista, o scientista, o ensaista, o pedagogo, o traductor, seria sempre e sobretudo poeta: a estrella Vésper ainda e sempre tem luz para elle. Depois de *A Profilaxia do Lixo*, *Os XIV Alexandrinos*, *A Comédia dos Erros*, *Salomão e as Mulheres*, *Poemas*, *Poemas Escolhidos*, *Dois Ensaios*, *Calunga*, *Anjo*, *Anchieta*, *Tempo e Eternidade*, e da traducção de *Os Judeus*, sua bibliographia não deixaria de crescer.

Ahi está *A Tunica Inconsutil*, sua ultima mensagem poetica, grande livro de allegorias em que o «pathos» é intensissimo, e que acaba

de vencer mais uma curva na trajectoria meteorica do poeta. Jorge de Lima é a personificação da poesia. Lembra-me uma enorme flôr harmoniosa que, depois de florir, andasse a espargir o pollen glorioso. E' certo que seu novo livro está aqui e ali povoado de nebulosas, pejado de parabolias, e que nêlle o poeta nos apparece ungido de oleos oraculares; mas longe de ser um senão, é justamente isso um dos pontos de apoio do livro. Trata-se de algo de novo!

O bandoleiro Jorge de Lima, esse Pancho Villa da nossa incipiente poesia, está forjando um novo assalto. Elle que fôra um dos maiores do modernismo; que inventara a poesia folklorica conciliando a belleza e o sentimento (sem o ridiculo dos sub-poemas de Catullo); elle que fôra o corypheu do modernismo epico e o precursor de certo sociologismo na poesia moderna, está deflagrando uma rebellião. Mil boccas gritarão: o symbolo será rehabilitado! Não hesito em situar *A Tunica Inconsutil* entre os monumentos maiores do symbolismo. Há qualquer coisa de nephelibata nesses versos, de bruma, de indecisão; as imagens ahi são concebidas tão densas embora se traduzam em verdadeiros esquisos, que Mallarmé a cada instante me acode ao pensamento. Note-se que tem sido isso mesmo em todos os tempos: o symbolismo transplantedo para o Brasil tem soffrido sempre enxertos alentadores. E o mysticismo tem sido a salvação. Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Souza, que exerceram o aauuvirato do symbolismo nacional, foram dois grandes mysticos de ares quasi bonzicos, que tinham na poesia, sobretudo na poesia religiosa, um grande campo para a sublimação dos seus complexos.

Quasi o mesmo acontece com Jorge de Lima. Falando frequentemente na primeira pessoa do singular, chamando a si toda a responsabilidade, esses seus poemas admiraveis, que são eternos, que transcendem ao tempo e ao espaço, são quasi exames de consciencia para a extrema-unção. E' de notar essa tendencia que têm os poetas modernos para a «transferencia», talvez na continua busca de uma sonhada ataraxia, a ambicionada impertur-

CHEQUE-MATE

Lembro-me pormenorizadamente de tudo pois, em certas ocasiões, tenho uma memória prodigiosa. Não, vejamos: José appareceu em minha casa trazendo na physionomia o reflexo de uma desusada alegria interior. Empunhava uma garrafa embrulhada em papel côr-de-rosa, um tanto sujo de poeira nas dobras. Explicou-me succintamente que um tio seu chegara do Nordeste e lhe trouxera um presente. Enquanto falava desembrolhou o vidro: estava cheio até ao gargalo de um licôr ambar.

— E' muito gostoso, — accrescentou. — Isto nos ajudará a matar o tempo...

Quasi ri na cara delle. Além de viciado, bebado! Ali estava aquelle

babilidade, a adoravel paz interior. Jorge de Lima é um plethorico. A poesia que dimana dos seus versos é tanta, tanto se propaga em ondas hertzianas, que só não a conseguem captar os que não têm antenas, excellente euphemismo para uma allusão aos pedrouços humanos que não têm sensibilidade.

A attitude de fuga que assumem todos os nossos poetas, nem Jorge de Lima conseguiu fugir-lhe. Quanto mais que Jorge foge é para uma espécie de refugio maravilhoso, onde dever ser uma delicia viver. E' dos poemas mais bellos que se podem ler o «Convite para a Ilha», essa ilha ficticia que é um oasis, um claro nas atribulações quotidianas, onde «há rêdes debaixo dos coqueirões + samphonas tocando, o sol se encobrendo, + as aves cantando canções de ninar», e onde se «pode sonhar com os amores que nunca na vida nos hão de chegar».

«Não digo em que signo se encontra esta ilha mas ilha mais bella não há no alto [mar.

O peixe cantor existe por lá. Ao norte dá tudo: baleias azues, o ouriço vermelho, o bôto voador. A leste da ilha há o Geyser gigante deitando água morna. Quem quer [se banhar?»

RUY DE CARVALHO.

licôr desconhecido comprovando a triste realidade! Bebemos dois calices: o licôr era agradável, isso era. Repetimos a dóse: bom, de facto. Outro calice — e meu amigo José armou as peças do xadrez. Encetamos mais essa partida. Eu já me contentava em comer-lhe o bispo da casa preta: isto me garantia a desistencia do adversario. Não era elle um maniaco? O licôr actuava em minhas veias como si fosse lava de um vulcão. Sentia-me como si em mim jogassem dois homens: o homem que pensava como José, o homem que agia como eu mesmo.

Venci.

Venci.

Venci.

Vencia sempre. Raro empatava. E o louco a querer encurralar o meu rei com o seu bispo da casa preta!

Aquelle licôr seguiram-se outros, outros e mais outros, cada qual mais extravagante e mais embriagador. A bebida alcoolica, ao inves de embotar-me a intelligencia, avivava-a. A reacção chimica era perfeita. E eu vencia sempre.

Sempre.

Sempre.

Sempre.

Que supplicio para meu adversario! Eu vencendo sempre, sempre, sempre! Quem o mandava sêr doído? Elle jogava obstinadamente com o bispo da casa preta, tendo os olhos esbugalhados e fixos no rei — até que eu armava uma cilada para a sua peça, cilada que elle, para cumulo da ironia, enxergava alguns lances antes mas não podia evitar na mathematica infalível do jogo. Perdia o bispo da casa preta. E com o bispo perdia grande parte da energia vital. Ficava acabrunhado, neurasthenico, apalermado. Eu ria do seu desespero. Porque vencia. E era continuamente o vencedor.

Numa certa tarde estavam conversando acerca de uma derrota de Aleckine frente a Euwe. Eu mostrava a José um ponto fraco na estrategia de um desses campeões quando notei o alheamento de seu espirito.

— Em que é que você está pensando? — perguntei.

Elle teve um sobresalto. Mas, de

immediato, seu espirito voltou ao ambiente. Falou:

— Penso naquelles seis contos que lhe emprestei. Não sei si você sabe que minha mulher vendeu o varejo. Ella não podia dirigir-o sózinha...

— Mas... que faz Dona Marina agora?

— Trabalha. Minha filha acabou num collegio de freiras. Idéas da mulher, sabe? Só eu é que continuo vivendo assim...

— Sinto muito, José, mas eu o tinha avisado... Bem; ainda é tempo de você se regenerar...

— Regenerar?!

— Sim. Esqueça o xadrez. Eu procurarei emprego e juro que lhe pagarei, mais tarde ou mais cedo, os seis contos que você me emprestou...

— Sim, eu sei... Não! Não posso deixar o jogo. Elle é parte integrante da minha vida! Está compreendendo? O jogo de xadrez sempre me absorveu. Desde quando eu era criança. Cresci jogando xadrez, vivendo para o xadrez. Antes de encontrar você ninguém me tinha conseguido vencer doze partidas consecutivas. Ninguém no mundo. Eu procurei um adversario durante vinte annos! Encontrei-o afinal: é você!

— Eu?

— Agora por isso: não se recorde de eu lhe ter dito que havia de encurralar o seu rei com o bispo da casa preta? Pois até que isso aconteça...

— Si você quizer...

— Louco que é! Não! Não quero que se sacrifique por minha causa e perca uma partida! Não! Seria ignobil para mim! Não quero, meu grande amigo... Não quero!

E começou a chorar, agarrado ao meu hombro, que tremia. Foi apenas nesse momento que eu notei que, no fundo, nós nos amavamos. Mas, — o tempero, para dar razão ao crime — no fundo, todos os homens se amam.

HELIO DO SOVERAL

(Trecho do livro — *Meu companheiro de trem* — no prélo).

A IRONIA EM HERCULANO

— «Não frequento casas de má nota.» Esta phrase occasional, anecdótica, traduz a impiedosa mas amarga ironia de Herculano, em face da realidade. Profundamente religioso, dum lyrismo christão, humilde e resignado, quando monologa consigo mesmo, ou voltado para Deus, — o seu scepticismo transborda, intemerato, no dialogo com o Mundo. Sob aquella mascara serena, de romantico austero, vive, incisivo e cortante como lamina de fina tempera, um dos espiritos mais causticos do seculo dezenove, duma violencia que prenuncia Camillo. Num e noutro, a ironia é sarcasmo. Em Herculano, porém, o sarcasmo tem o travor de infinita amargura, de quem se finca resolutamente na ironia para não deixar transparecer as lagrimas. A's vezes, esse sarcasmo fere, retalha como chicote, abre sulco de onde jorra sangue. Comparem-se, neste pormenor, Eça e Herculano. No Eça, a ironia é branda, sorridente, elegante, superficial, — apenas roça a epiderme e lhe deixa traço levíssimo. Em Herculano, como depois em Camillo, a ironia entranha-se no cerne e perfura a medulla. Nada de afficionismo nas idéas ou nas palavras. Força, violencia de tempestade que tudo esphacela e arrasta, — eis o verdadeiro espirito de ironia em Herculano. É como poderia, elle na verdade, traduzir em imagens subteis, de luminosidade atheniense, a vida medieval e sanguinolenta das suas novellas? Vida em que se chocam as tão desvairadas paixões do Homem, na sua plenitude? Vida violenta e feroz, de Amor e Vingança, em que as personagens tomam, por vezes, a estatura formidável do Heroes ou Deuses duma nova Iliada?!

No *Bobo*, ha uma phrase de Egas Moniz em resposta ás injurias do conde de Trava, que bem se pode approximar daquella com que Herculano fustiga as Cortes, e que inicia estas notas breves. Grita Egas Moniz: «Infame e covarde és tu, villão de Galiza! Infame porque vendeste o teu corpo como uma mulher perdida: covarde porque só sabes injuriar no meio destes lebréus esfaimados que te cercam.»

Quem percorrer as paginas do *Bobo*, tropeça continuamente em ironias pungentes, como aquellas que a pobre Dulce, enamorada de Egas, escuta a Fernando Peres, — ironias em voz de mel e veneno: «Linda e innocente donzella, amanhã podes vêr o teu gentil trovador. Olha para lá daqui mesmo; ahí o has-de divisar dançando ao sopro rijo do vento. Quem canta deve saber bailar.»

E quasi sempre assim a sarcastica veia do grande novelista historico, — contundente e dolorosa, rude e synthetica.

Folheem-se ainda as *Lendas e Narrativas*. O mesmo espirito as anima, as vivifica, desde as primeiras paginas de *Alcaide de Santarém*.

E quem não conhece a figura ridiculissima do licenciado Pata-burro, no «Monge de Cistér»? E' bem um heroe camilliano, modelo barbaro e caricatural de doutor alarve. Herculano e Camillo usam, por assim dizer, os mesmos processos de composição caricatural, a mesma forma de satyriar as suas personagens ou de praguejar as suas ironias. A' galeria dos abbades em Herculano não corresponderá a dos «brasileiros» em Camillo? Os frades de Alcobaça remançosa, no *Monge de Cistér*, o reverendo Martim Eichá ou até Fr. Hilarião, no *Bobo*, estes ultimos sagrados pelo mesmo voto de Herculano, á hora da morte de ambos, — «Deus se lembre das suas almas» — não soffrem a vergastada sévera dos epithetos de Herculano? A propria Roma papal não foge á satyra mordaz do Autor da *Voz do Propheta* e da *Historia da Inquisição em Portugal*, como quando, por exemplo, Fernando Peres Trava se refere, no *Bobo*, á venalidade da Igreja romana do tempo: «Monga hypocrita, não te salvará tua mortalha de homem vivo. Roma o que pede é ouro, quando defende o seu trebanho de garnachas e cogulas, e a tua cabeça não a cedera eu agora a troco de mil aureos mouriscos.»

E no *Eurico*, essa joia maravilhosa do Romantismo, em que não sabemos que mais admirar, se a musica embaladora da prosa, tanta vez metrificada como purissimos versos, — Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar... Bemdito seja o teu nome, porque nos deste o chorar... — se a nobreza da sua lição profundamente humana, — apesar do seu tom de poema de bravura e de amor supremo, divinizado, não irrompe, a subitas, e inegualavelmente, o sarcasmo fundo e arripiador, como, no passo da batalha do Chryssus, em que se encontra, frente a frente, Theodomiro e o conde Juliano, ambos jogando rudemente as armas e as palavras? «Vencedor

dos Vasconios, — gritou rindo diabolicamente, o conde de Septum — olha por ti! Nas margens do Chryssus não ha taças de vinho, como aquellas com que te embriagavas nos paços do teu senhor. Aqui o que corre é sangue!» Logo mais adiante surge a resposta inevitavel em Herculano: «Que olhas para o chão, tahidor? — disse Teodomiro, com voz tremula de colera e de escarneo e secundando o golpe. — E' a terra da patria que vendeste aos infieis como tu!»

Na realidade, a ironia de Herculano tem os attributos da fala de Teodomiro: é mixto de escarneo e de colera, de de gargalhada e soluço, de gritos de nojo e de orgulho, e sobretudo, de desgosto profundo por quanto de miseravel e de podridão envenena a Vida.

Nos poucos fragmentos que ahí ficam, tirados, ao acaso, das obras novellisticas de Herculano, parece-nos ter exemplificado o processo por que este se nos apresenta como ironista dos maiores de Portugal, talvez o mais acabado modelo — antes de Camillo, e José Agostinho aparte — da prosa sarcastica portugueza.

Que as notas ligeiras agucem o appetite dos estudiosos e leitores de Herculano, para emprehenderem um Estudo sobre a Ironia nas suas obras, certos de que não perdem o seu tempo. A Ironia é apanagio dos espiritos superiores, como o do grande Historiador portuguez do seculo passado, — ironia derivada da sua austera conducta de inconformismo com o meio ambiente, inconformismo que o levou a trocar a penna pela enxada, — do qual um moderno «historiographo e philosopho» insinuou ter sido menos patriota, porque acima do «interesse nacional» — «que interesse nacional pode haver no desastroso feito de Affonso Henriques em 1169, em Badajoz? no cataclysmo de Alcacer Quibir? E nos frustrados episodios do Prior do Crato?» (1) — havia sempre collocado a Verdade historica.

(1) — C. da Cunha Coutinho — *Notas Historicas e Criticas*, pag. 9 — Lisboa, 1938.

MOURA VICTORIA.

(Transcripto de «Pensamento», Porto, Portugal, n.º 103.)

P O E M A

Para Carlos Drummond de Andrade.

Ao contacto do humus
Teus braços se descarnarão,
E tuas arterias serão arvores
Onde os fructos da dôr ammadurecerão.
Ao contacto do humus
Tua bocca se abrirá,
E a tua lingua será disputada pelos abutres,
Pelos prophetas e pelos mudos de nascença.
Ao contacto do humus
Tues olhos adquirirão matizes cambiantes,
E alguém se lançará dentro delles
Como si fossem o oceano.
Ao contacto do humus,
Sei que teu corpo vae se cobrir de limo,
Tua bocca vae se encher do summo de fructos
[apodecidos,
Tua roupa se tornar ardente como as urtigas.
Ao contacto do humus
Todos os sons se concentrarão na tua respiração,
Mas nenhum ouvido perceberá a tua queixa obscura,
Nenhum ouvido perceberá
A importancia do teu lamento envelhecido na carne!

IVAN RIBEIRO.

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

HEITOR LYRA
AUGUSTO DE SAINT HILAIRE

OLIVEIRA VIANA
JOSE' MARIA BELO
CASTRO ALVES
AROLD AZEVEDO
DURVAL BASTOS DE MENEZES
VICENTE LICINIO CARDOSO
M. DELLY

EVA CURIE
MONTEIRO LOBATO

E. ROQUETTE PINTO
LUIZ GONZAGA FLEURY
ERNESTO ENNES
ALCIDES GENTIL
GEORGES RAEDERS
H. RIDER HAGGARD

Historia de Dom Pedro II	16\$000
2a. Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo	10\$000
Raça e Assimilação	8\$000
Inteligencia do Brasil	10\$000
Obras completas	25\$000
Corografia do Brasil	9\$000
A solução do problema de ferro	6\$000
A' margem da Historia do Brasil	8\$000
Elfrida	4\$000
Escrava ou Rainha?	4\$000
Madame Curie	12\$000
Contos de Grimm	5\$000
O Saci	6\$000
Rondonia	18\$000
Meninice, 2.º	3\$000
As guerras nos Palmares, 1.º	13\$000
As idéas de Alberto Torres	15\$000
D. Pedro 2º e o Conde de Gobineau	18\$000
O Anel da Rainha do Sabá	5\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco

A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

Novidades de Outubro

Pontes de Miranda — NOTA PROM ISSORIA (2.º vol. do «Direito
Cambiario») 30\$000

Franz Toussaint — O JARDIM DAS CARICIAS — Trad. de
Adalgisa Nery 10\$000

Omar Khayyam — RUBAIYAT — Trad. de Otavio Tarquinio
de Sousa 8\$000

O CANTICO DOS CANTICOS — atribuido a Salomão — Trad.
de Augusto Frederico Schmidt 6\$000

Rodrigo Octavio Filho — VELHOS AMIGOS (Vicente de Car-
valho — Mario Pederneiras — Ronald de Carvalho) 7\$000

J. Pinto Antunes — FILOSOFIA DA ORDEM NOVA 20\$000

Tia Evelina — RECEITAS PARA VOCE — 2.ª edição aumentada 14\$000

Decio Pacheco Silveira — A HORA DA SAUDADE 7\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

VICTOR HUGO

O Noventa e tres — Col. Sip.
— 2 vols. — cada vol. . . . 2\$000

ELINOR GLYN

Tudo se Paga 6\$000

CELESTINO SILVEIRA

Moleque de Rua 6\$000

J. B. Von SPIX e C.F. P.
von MARTIUS

Viagem pelo Brasil — 3.º e
4.º vols. — cada vol. . . . 20\$000

MANUEL BANDEIRA —

Ministerio da Educação e
Saude
Antologia dos Poetas Brasi-
leiros da Fase Parnasiana 5\$000

Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ

Rua do Ouvidor, 94
RIO DE JANEIRO

FILIAL

Rua 15 de Novemb.o, 144
SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço
de Reembolso Postal".

TUMULO, TUMULO, TUMULO

Belazarte me contou:

Caso triste foi o que succedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser energico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda, não tem energia, não tem paciência que faça desgraça parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando sempre uns biscates por ahi, que me deixavam viver á larga. Dinheiro faz cocega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não ha meios de socegar, pois imaginei ter um criado só p'ra mim. Achava gostoso esses pedaços de cinema: o dono vae sahindo, vem o criado com chapéo e bengala na mão, «Prudencio, hoje não boio em casa, querendo sahir, póde. Té logo». «Té logo, seu Belazarte.»

Veio um criado mas eu não sympathisava com elle não. Sei lá se percebeu? Uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinario de sympathico. Que olhos socegados! você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o mesmo bonde que voltava. Instincto é uma curiosidade: quando o conductor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei p'ra traz, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos d'elle, dito e feito: senti uma doçura por dentro, uma calma lenta, pensei: está ahi, disso é que você carece p'ra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

— Me diga u'a coisa, você não sabe por acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a palpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não pensa nem viveu passado:

— Tem eu, sim senhor. O senhor querendo...

— Eu, eu quero sim, porque não havia de querer? Quanto você pede?

Etc. E elle entrou pr'o meu serviço.

Quando indaguei o nome d'elle, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... Mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquella côr elevava o meu criado a typo-de-belleza da raça tizia. Com deenove annos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que elle estivesse trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gotta feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, prompto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, avelludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquella côr humilde, mão que andou todo o dia apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãe. Ellis trazia o cabelo sempre em roçado, arredondando o côco. Pixaim fininho, tão fofo que era ver

piri de beira-rio. Beiço, não se percebia, negro tambem. Só mesmo o olhar amarelado, côr de oleo de babosa, é que descansava no meio daquella igualdade perfeita. E' verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava porque Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miseria p'ra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exacto da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que elle não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse ruim não, porém tinha seus carneções. Molleza chegou alli, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida p'ra limpar esta janella. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado, moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com elle, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assumpto p'ra desbaratar, meio com dô daquelle tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir commigo:

— Sei bem que de tanto lavar o copo vem um dia em que escapole da mão... Está bom, veja si não quebra mais, ouviu?

— Sei, seu Belazarte.

E ficava esperando, jururú que fazia dô. Eu é que encafifava. Com aquelle olho-de-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nella só p'ra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranja não-sei-que, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, u'a mancha, qualquer coisa:

— Ellis, me limpe isto.

Elle vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

— Está bom assim, seu Belazarte?

— Está. Póde ir.

Ia. Porém ficava rondando. Mesmo que fosse lá em baixo trabalhar, me levava no pensamento, ia imaginando um geito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria p'ra elle. Então gengiva apparecia. Quando chegava de-noite já sabe, vinha pedindo p'ra ir no cinema. Eu tinha pena e deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro p'ro cinema!

Nesse andar é logico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado. Foi o que succedeu. Ellis tomou conta de mim uma vez. Piorar, piorou não, mas já estava difficil de dizer quem era o criado de nós dois. Sim, porque, afinal de contas quem que é o criado? quem serve ou quem não póde mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

— Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francez p'ra você,

porque se um dia eu fôr p'ra Europa, não vou sem você.

— Se seu Belazarte fôr, vou tambem.

Sempre com o mesmo respeito. A's vezes eu chegava em casa sorumbatico, coído com a trabalhadeira do dia, Ellis não falava nada, nem vinha com amolação, porém não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria p'ra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei elle falando no portão p'ra um companheiro:

— Hoje não, seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça. E principiei verificando que aquillo não tinha geito mais, Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande em minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro d'elle, decidi. Entramos os dois numa explicação que me abateu, por causa do sentimento desencontrados que percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chauffeur, mas não tinha dinheiro p'ra tirar a carta. Tive giumes, palavra. Secretamente eu achava que elle devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento besta e falei que isso era o de menos, porque eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretexto de esclarecer, ajuntei:

— Você pense bem, decida e volte me falar. Chauffeur é bom, dá bem, só que é officio perigoso e já tem muito chauffeur por ahi. Muitas vezes a gente imagina que faz um giro e faz mas é um firau. Emfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que elle me confessou que precisava ganhar mais porque estava com vontade de casar.

— Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

— Dezanove, sim senhor.

— Puxa! e você já quer casar!

Deu aquelle sorriso entreaberto, socegado:

— Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

— Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio me despeitava tambem Ellis gostar de mais algum que do patrão, porém já sei me livrar com facilidade desses egoismos. Perguntei quem era a moça.

— E' tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora.

Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez p'ra elle pensar bem no que ia fazer e me communicasse.

Dias depois elle veio:

— Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

— Resolveu?

— Poi então a gente póde fazer uma coisa: espero o dia-dos-annos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. De certo fui duro:

— Está bom, Ellis.

Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

— Seu Belazarte...

— O que é?

— Mas... seu Belazarte... eu quero sahir por bem da casa do senhor...

até a Dora me falou que... me falou que de-certo o senhor accitava ser nosso padrinho...

— Custou elle falar de tanta commoção. Olhei p'ra elle. O oleo de babosa distillava duas lagrimas negras no pretume liso. Me commovi tambem.

— Sahi por bem, é logico! Não tenho queixa nenhuma de você.

— Quando o senhor quizer alguma coisa, me chame que venho fazer. O senhor foi muito bom p'ra mim...

— Não fui bom, Ellis, fui como devia porque você tambem foi direito.

Botei a mão no hombro delle p'ra socegar o commovido soluçante. Estava engasgado o pobre! Sem se esperar, rapido, virou a cara de lado, encolheu os hombros, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquella beijo que fazia a minha mão tão recompensada por toda a humanidade, a porta abriu de leve. E elle, não se mostrando: Seu Belazarte, o senhor não falou que accitava...

Até me ri.

— Aceito, Ellis! Quando que você casa?

— Si arranjar licença logo, caso no 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou porém logrou a Virgem Maria. Sahiu de casa dias depois do meu anniversario, e nem bem dona Republica fez annos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artistica dentro de mim. Você não imagina que coisa mais bonita Ellis e Dora juntos! Mulatinha lisa, lisa, côr de ouro, isto é, dôr de oleo de babosa, côr dos olhos de Ellis! E nos olhos então todo esse pretume impossivel que o medo põe na côr do matto á noite. Você de certo que já reparou: A gente vê uns olhos de menina boa e jura: «Palavra que nunca vi olho tão preto», vai ver? quando muito olho é côr de fumo de Mapingui. E' o receio da gente que bota escurêza temivel nos olhos desses nossos peccados!... Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabello acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um geito de não-querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscillando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ella parecer maior do que era, uma graça flexivel... Nem sei o que é o corpo della tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de bocca aberta, extasiado, sem um gesto, deixando respeitosa e ella passar, sem uma offensa, por entre toda a Christandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns mezes e me esqueci delle. A vida é tão bondosa que nunca senti falta de ninguem. Reappareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci p'ra beber meu matte, Ellis no hall, encerando.

— Bom-dia, seu Belazarte.

— Ué! quê que você está fazendo aqui!

— Dona Mariquinha me chamou p'ra limpar a casa.

— Mas você não está trabalhando então!

— Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A furia de casar borrara os sonhos

do chauffeur. Vivia de pedreiro. Mamãe encontrou com elle e se lembrou de dar esse dinheiro semanal p'ro mendigo quasi. Um Ellis esmulambado, todo sujo de cal. Dora andava com muitos enjões, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não appareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, apparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi elle até me assustei. Era um caroço medonho, parecendo abcesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engambelando Ellis um semfim de tempo, começou apparecendo novo caroço do outro lado da cara. Mamãe imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no medico de casa, com recommendação. Resultado: estava fraquissimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvario começou. Elle não sabia bem o que havia de fazer, eu tambem não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vaccas magras tambem estavam passando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá p'ra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãe, que vivia numa chacinha emprestada em Botucatu. Foram morar todos juntos na lonjura de Casa Verde, diz-que p'ra crear gallinha e por causa do ar bom. Não arranjaram nada com as gallinhas nem com os ares. Vieram p'ra cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatú, Ellis, Dora, a mãe delle e mais dois gafanhottinhos concebidos de passagem.

Ellis voltara p'ra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou concertando esgotos, depois na Companhia de Gaz... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remedio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio serio, nem eram bem sete da manhã, um dia appareceu contando que era pae. Vinha participar e:

— Seu Belazarte, vinha tambem saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já está servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar. Estava já me acostumando. Dei vinte mil réis. Mamãe que era a madrinha, andou indo lá no porão delles, arranjando roupas de lá p'ro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamãe me conta que Dora tinha adoecido. Pedi p'ra ella ir lá outra vez, ella foi. Mandamos medico. Dora peorou do dia p'ra noite e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Numero um.

Agora sim, e a creança? E' verdade que a mãe do Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando lingua portugueza, e o leite della foi mudando de porão.

O dia do baptizado, soffri um desses desgostos, fatigantes p'ra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quiz que o menino se chamasse Benedicto, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porém a mãe do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luiz Carlos. Então puz autoridade na questão e cedendo

um pouco tambem, acabamos carimbando o desgraçadinho com o titulo de Luiz.

Havia muita lembrança de Dora naquillo tudo, ha só dois dias que ella adormecera. Fizemos logo o baptizado porque o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento delle pela Dora. Quando veio me communicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais della, com este meu geito de ficar logo num pasmo damnado, succedendo coisa triste.

— Dora morreu, seu Belazarte.

— Morreu, Ellis!

Nem posso explicar com quanto sentimento gritei. Ellis tambem não estava socegado não, mas parecia mais incapacidade de soffrer que tristeza verdadeira. O amarellão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio. Dora ia fazer falta physica p'ra elle, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o soffrimento perguntado do Ellis. E p'ra decidir duma vez a indecisão, elle vinha p'ra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pôde saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga do Ellis p'ra junto de mim. Eu era amigo delle, não tinha duvida, porém numa occasião como aquella não é muito de amigo que a gente precisa não. E' mais de pessoa que saiba as coisas. Eu sabia as coisas, e havia de arranjar um geito de accommodar a interrogação.

... e quem diz que na amizade tambem não existe esse interesse de ajutorio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mysterio da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... E' inutil os pernosticos estarem inventando coisas atrapalhadas p'ra botar no Itamaraty do amor: ou cahem no dominio da amizade, que tambem pôde existir entre bigode e seios, ou então principiam subtilizando os gestos physicos do amor, cahem na bandalheira. Observando, feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nelle não ha metaphysica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A força do amor é que elle pôde ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nelle, não vem delle não, vem da amizade grudada nelle. Amor quando enxerga defeito no objecto amado, cega: «Não faz mal!» Mas o amigo sente: «Eu perdoo você». Isso é que é sublime no amigo, essa repartição continua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espiritos amantes que vão, feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nelle...

Dora era corpo só. E uma bondade inconsciente. Eu não tinha corpo mas era protector. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade. O amor foi p'ra Dora, a amizade p'ra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa fórmula, sendo um frouxo.

Baptizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguaes, besteira! Mamãe, por causa de muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti p'ra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridiculo opprimente p'ra nós os

superiores, e deprimente p'ra elles os desinfelizes. Estavam esquelidos, cheios de mãos, não sabendo pegar na chicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, prompto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na chicra mais. Custei p'ra inventar umas phrases engraçadas, depois reparei que não tinham graça nenhuma por causa da Dora se dependurando nellas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Numero dois.

Ellis nem pode tratar do enterro. Não é que estivesse penando muito mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na vespera Ellis tivera uma vertigem, ninguém sabe porque, junto do filho morrendo. Foi p'ra cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento-e-vinte por hora na ráia daquelle peito apertado. Quando Ellis soube, virou meu filho duma vez. Mandava contar tudo p'ra mim. Mas não sei por que delicadeza sublime, por que invenção de amizade descobriu que não me dou muito bem com a tísica... O certo é que nunca me mandou pedir p'ra ir ve-lo. Fui, também uma vez só de passagem, falando que era hora de ir p'ro trabalho. Mas não deixei faltar nada p'ra elle. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou tres mezes, nem isso, mezes em que me parece foi feliz. Sim, porque virara creança, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente negaceia o amor daquelle por quem se sabe amado. Mantimento, remedios, roupa tudo minha mãe é que providenciava p'ra elle, conforme desejo meu. Pois de sopetão vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar p'ra elle u'a meia igualzinha áquella que usara no baptizado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu studio e que, elle mandou dizer, até já estava bem velha. E' logico que almofada foi, porém dadinha duma vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mechanicos de protector. Meu Deus! como a vida esperada se mechaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquella espera da morte já p'ra mim era bem u'a morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade commoda do passado. Era amigo delle, juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Elle, isso eu soube depois, elle sim, estava vivendo essa morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, unica realidade p'ra elle. Dora tinha sido uma função. A vida pratica não fôra senão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquelle morto em férias? Em mim, é logico. Isso eu soube depois... Levava

o dia falando no amigo, pensando no amigo. E todas aquellas faceirices de pedidos e vontadinhas de creança, não passavam de geitos de se recordar mais objectivamente de mim. De se approximar de mim, que não ia vel-o.

Ceguei em casa p'ra almoçar, a mãe do Ellis viera dizer que elle estava me chamando. Não gostei nada. Si agora elle principiava pedindo mais isso, eu que não gosto de tísica... Emfim mandei a criada lá, que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãe delle me deram a noticia inesperada. Sim, inesperada, porque já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto choro por tabella e dois tizius fumando.

— Morreu!

— Ahm, su Baladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhôre!

— Mas já morreu, é!

— Que esperanza! desde manhãzinha está cham...

— Onde está elle?

Um dos tizius:

— Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atrás. Pulei por cima dos uivos sahindo duma furna que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando p'ro quintal interior, num canto invisivel, chorava uma vela. Era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços dependurados p'ros lados, medonho de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando por mim.

— Mas porque não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos delle já em cruz, p'ra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. Engolia em secco e pegava me chamando outra vez. Afinal parava de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa estava chegando. Falei baixo, sem querer me accomodando com o silencio da morte:

— Ellis!... ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira secca da garganta. Os outros me olhavam esperando o bem que eu ia fazer p'ro coitado. Até parecia que o importante ali era eu. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais p'ra vencer a predominancia da morte, e aquelles assistentes não me verem perder na luta. Botei a mão na testa morna de Ellis. Havia de me sentir.

— Ellis! sou eu, Ellis!... Socegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

— Prompto! Ansím que está fatchendo desde manhã, ô povero!... Tira áa vela, Maria!

— Deixe a vela, só Ellis!

Ellis abriu as palpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de as abrir. Ficaram escancaradas mais oleo de babosa não vê que escorrendo mais! pupillas fixas, rectas, frexando o tecto preto. Puz minha cara onde ellas me focalizassem.

— Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, heim!

— Está sim, seu Belazarte. Viu! desde manhã que está de olho fechado. Elle

queria muito be... bem o senhor! também... também o senhor tem sido muito bom p'ro coitado... de meu filho, ai!... aaai! meu filho está morrendo, ahn! ahn! ahn!...

— Ellis! você está precisando de alguma coisa, heim! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As palpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, p'ra que os olhos inda recebessem meu carinho:

— Eu faço tudo p'ra você! não quero que te falte nada, ouviu bem?!

Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

— Meu filho morreu! ai! ai!... Aaai!...

Tive um momento de desespero porque Ellis não dava signal de me sentir. Insisti mais, ajoelhando junto da cama.

— Ora, o que é isso, Ellis!...

— ahan... só falava no senhor, ahn... hontem mesmo disse p'ra mim, ahan, que, ahn, melhorando cavava um poço... fundo, aain... p'ra enterrar todos os mi... microbios p'ra depois, pedir p'ra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aai!

— Levem ella! não vale a pena elle estar escutando esse choro!

Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti, numa esperança, exacerbada pela anecdota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de carícia:

— Ellis! você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via!

...foi tão humilde que nem teve o egoismo de sustentar contra mim a indifferença da morte. O olhar delle teve uma palpação franca p'ra mim. Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedecia. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte delle. Desappareceu mysterio, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nella. Foi u'a morte familiar. Foi u'a morte nossa, entre amigos, direitinho aquelle dia em que resolvemos, meu aniversario passado, elle ir buscar o casamento e a chafferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo delle p'ra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé delle o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porque sabia as coisas...

Numero tres.

MARIO DE ANDRADE.

(De Belazarte.)

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

Cinema

No limiar do crime — Warner Bros. — A produção interessa principalmente pela grande importância do problema humano que elle encara: a infancia delinquente. O carinho que esse problema merece é tal que, a maioria, não sei mesmo si a totalidade dos povos cultos, não dá nenhum caracter de pena á repressão dos crimes dos menores.

Os juizes encarregados dessa tarefa são pessoas especializadas, que visam antes reeducar que punir, que visam antes fazer com que pobres creaturas que tomaram pelo atalho do crime, voltem novamente a trilhar a estrada larga da virtude.

O exame aprofundado do thema levaria longe, levaria á critica das bases em que assentam as organizações sociaes.

O cinema já tratou do assumpto numa pellicula excepcional — «*O caminho da vida*», que muita gente não soube comprehender.

«*No limiar do crime*» é a maneira americana de contar a mesma historia, é a solução americana do mesmo problema.

O que são os bairros pobres de Nova York já a litteratura e o cinema nos haviam mostrado: excellente meio de cultura para todas as formas de perdição.

Esse resto de humanidade é a consequencia inevitavel desse erro sem nome que é a grande cidade, absolutamente impropria para a vida normal do animal homem.

O «film» focaliza bem o meio miseravel, os sacrificios que a vida exige perpetuar-se, as formas mais ferozes e dolorosas da concorrência vital.

O grupo de garotos criminosos que feriram o judeu comprador de roubos realiza admiravelmente a sua tarefa.

Que fazer dessas victimas de um determinismo inexoravel?

Evidentemente o caminho de regenerar-os não é o do feroz director gordo do reformatório, não é a maneira forte. E', sim, a maneira branda embora energica, o ensino do trabalho, a oferta de uma profissão, o desejo de readquiril-os para a communhão.

Preferindo o ultimo systema «*No limiar do crime*» constitue, sem duvida alguma, obra altamente sympathica e de subido valor educativo.

Robin Hood — Direcção de Michael Curtiz e William Kershley — Warner Bros. — Thema historico excellente, magnifico. A historia dos «*Merry Men*» de «*Sherwood Forest*» ainda constitue um recreio incomparavel para a nossa imaginação.

Aquellas florestas enormes de 25 milhas de comprido por nove de largo, aquellos carvalhos que podiam abrigar 10 pessoas em baixo, aquella abundancia paradisiaca de caça, tudo isso é inesquecivel.

Era esse o theatro das phantasticas aventuras de Robin Hood, onde o lendario se desenvolve com liberdade absoluta.

Sempre tive enorme sympathia pela lealdade, pela ferocidade sadia e virginal de Ricardo Coração de Leão.

Tempo de mesas enormes, de peças de caça inteiras, de comesainas incriveis e bebedeiras homericas.

Foi esta phase encantadora da historia ingleza que o film teve de reconstruir com a natural dose de arbitrario e de invenção.

O desenrolar do trabalho não deixa de interessar, pelo movimento, pelas scenas engraçadas, como a do monge dorminhoco, como as fugas de Robin Hood, as revoltas contra o usurpador do throno e por forçar o espectador consciente a recapitular seus conhecimentos historicos.

Não vi a versão do film com Douglas Fairbanks. Tenho certeza de que foi infinitamente superior á actual.

No presente caso o cinema foi ferido de morte pela intromissão de um colorido infame, falso, absurdo, insupportavel.

«*Marinella*» — Com Tino Rossi e Ivette Lebon. — Uma sequencia de numeros de «cabaret» filmados. — Ausencia total de cinema. Canto, canto, musica, musica, «gags» tolos, danças.

Canção Materna — Aliança Star Films. — Beniamino Gigli e Maria Cebotary. — O fallecido Chaliapine tinha o cinema como um bico, uma actividade supplementar, optima para augmentar a sua fama universal.

Parece que o «bel canto» dá menos dinheiro que o cinema, de maneira que os cavadores de ouro estão invadindo perigosamente os «studios». Estão chamando de cinema a uma serie de trechos de opera, de concertos, por vezes completamente autonomos.

Beniamino Gigli juntou mais uma prova ao que todos nós já sabiamos: da potencia ao seu aparelho vocal.

O que não se conseguiu, até prova em contrario, foi fazer de «*Canção Materna*» uma obra cinematographica.

Os miseraveis — com Fredrich March e Charles Laughton. — Esta obra litteraria de Hugo já foi filmada por varias vezes, em pelliculas longas, divididas em series.

Apparece agora uma edição abregée, mais concentrada.

Aquella humanidade inconsistente de

Hugo ainda consegue arrancar lagrimas a romanticos incuraveis.

O film não venceu a difficuldade de apresentar uma obra una, consequente, sem soluções perceptíveis de continuidade.

Duas sequencias provocam certa emoção; a das galeras e o final, quando Javert prefere morrer a faltar com sua fidelidade á lei.

Este heroismo primario não deixa de abalar a nossa sensibilidade.

Charles Laughton continua merecedor de incondicional admiração.

Trumpho ás avessas — com Ann Shirley e Chester Morris — R.K.O. Radio. — No Alhambra é só. Films policiaes, de gangsters ou então theatro filmado.

Em «*Trumpho ás avessas*» não ha nada a registrar. Artigo standard, de fabricação em serie.

A volta de Arsène Lupin — M.G.M. — George Fitzmaurice. — George Fitzmaurice foi sempre um optimo escolhedor de scenarios. Nesse film elle mantém esta qualidade. Mas não ha nelle nada que escape á ordem commum das coisas do cinema de todo o dia.

«*A volta de Arsene Lupin*», comtudo, não deixa de constituir um distrahido passatempo. E é só.

«*Abnegação*» — London Films. — Direcção de Victor Saville. — Eis ahi uma produção ingleza cheia de qualidades.

Precioso estudo dos costumes inglezes do interior, de pequena cidade, de pequena agglomeração humana.

Vê-se no film como os mais graves problemas humanas podem surgir nos meios mais acanhados, de vida menos tumultuosa, menos provida do progresso material.

Apparecem nelle os mais graves casos de consciencia, as situações mais angustiosas para as criaturas.

Boa sequencia: a luta das meninas no collegio, cheia de verdade, cheia de força expressiva.

Cheia de «humour» a figura de um dos conselheiros municipaes, o mais perfeito hypocrita deste mundo.

Optimos aspectos da natureza da velha e admiravel Albion.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

O HEROE

Aos tantos dias do mez de Agosto de 1924 osapparelhos telegraphicos vibraram pelos fios, para tocos os pontos do paiz, dando noticia daquelle heroismo desesperado, daquelle lição de idealismo que um homem simples dava ao povo inerte, posto numa attitude de pura expectativa em face da situação de desmembramento politico da nação. Recrutado para servir de «carne para canhão», havia mostrado, a toda aquella tropa que guarnecia as fronteiras cavadas no valle do Tijupeba, a fibra com que se fazem os heroes, idêntica, ainda, á dos tempos mais remotos; inferiores e superiores hierarchicos tiveram naquelle gesto desesperado, de resistir embora sozinho, uma illustração a mais para as perorações sobre o valor do soldado. Até mesmo o general em chefe das forças legaes empregadas no combate aos rebeldes, em ordem do dia, citára aquella fé, aquella resistencia de um unico homem como um espelho para os seus soldados; os defensores da lei tinham ali uma lição que não deveria ser desprezada. O facto é que aquelle simples soldado, tirado do meio do povo humilde de uma villazinha sertaneja, havia sido guindado ao heroismo pela consagração popular.

Depois daquelle dia, porem, tantos de Agosto de 1924, nunca mais se ouviu falar, nem commentar, o acto que num momento transformara um simples num semi-deus com fulgurações de heroe. Ninguém sabe dizer tambem se o seu nome entrou para a historia. E é justamente para reparar esta falha, que, aqui nestas linhas, escriptas quatorze annos depois, quero deixar o seu nome ombreado com o seu feito. Os fios telegraphicos, depois daquelle dia, transmittiram para o mundo outros tantos casos de desprendimento e coragem. Outras tantas revoltas em outros tantos paizes se succederam, victoriosas umas e esmagadas outras. O heroe daquelles dias sombrios de agosto de 1924 não teve o prazer de ouvir o seu nome diffundido pelas ondas hertzianas; o radio, naquella época, ainda era alguma coisa assim como uma nebulosa. Pelo menos para os amotinados de 13 de Julho. E o seu heroismo, substituido centenas de vezes no sensacionalismo da imprensa por outras noticias mais ou menos ridiculas, acabou por morrer para o mundo, excepto para a gente da capitalzinha provinciana que vê, diariamente, o heroe, com um chapéu á Napoleão, uma espada de madeira á cinta, rua a cima, rua a baixo, a commandar o «fogo»; contra um inimigo que elle se esqueceu que já se acha, ha tanto tempo, perdido nas brumas da propria historia que o creou no seu regaço, no imprevisto de uma carga e de uma fuga, para logo depois esquecel-o.

Ah! Meu pobre heroe de Tijupeba... Não houvesse você perdido a razão e haveria de ver, o capitão que commandava a tropa de que você fazia parte, que foi o primeiro a fugir, guindado a postos elevados, considerado, nomeado como chefe de um capitulo da historia caudillesca do seu povo... E você, que foi de facto um heroe, teria vergonha das seis cicatrizes que lhe ficaram no corpo,

hoje esqualido, como seis medalhas de merito militar...

O fato em suas linhas geraes nada tem de extraordinario e citamol-o a seguir para que possamos ter um elemento para falar da facilidade de consagração de heroes.

As forças que compunham a guarnição do nordeste, no dia 13 de Junho de 1924, num acto de solidariedade aos revoltosos do sul do paiz, fizeram um pronunciamento militar, depondo governo da região e constituindo uma Junta Governativa Militar Renovadora dos Costumes Politicos. Feita de quatro militares, um major, um capitão e dois tenentes, realizou, desde que dominou as pequenas resistencias que se fizeram em alguns pontos, os planos para os necessarios serviços de defesa. Contaram de inicio com uma sorte: muito preocupado com o surto rebelde do sul, o governo tardaria um pouco a se preocupar com aquella irrupção de fogosismo militar no nordeste.

te. Então, aproveitando o material ao alcance do seu poder, a Junta dispôz o limite das suas linhas. Obstruiu o unico porto de accesso á Capital e preparou logo as linhas de resistencia ao sul; o valle do Tijupeba, pelas varias facilidades que offerecia, para uma defesa, foi desde logo estudado pela engenharia militar rebelde e, dentro de oito dias, as primeiras turmas iniciavam o preparo das trincheiras. Vallas cavadas por dentro de mattas ralas, pelo alto dos montes que dominavam o valle, localização de ninhos de peças de artilharia, — velhas peças de soccar pela bocca, restos da resistencia aos holandezes, em 1654 — algumas metralhadoras e sem muita tardança tudo estava prompto para receber o pessoal que iria occupar as primeiras linhas avançadas daquelle região que o jornal official da junta chamada de pequenina Belgica.

Desde o dia da eclosão revolucionaria foi aberto voluntariado; foram chamadas ás armas todas as classes aptas a prestar serviços; praças e pátios foram transformados em campos de preparo de novos batalhões que iam recebendo nomes de heroes regionaes. Presos sentenciados e correccionaes tinham indulto sob a condição de irem prestar serviços á causa revolucionaria. Havia por todos os lados um excitante entusiasmo. Guerra! E tudo aquillo, todo aquelle movimento e esta palavra davam um ar de mocidade a toda aquella gente, de ordinario tão pacata e agora agitada por aquelles acontecimentos. Velhos, arrimados a bengalas, sahiam ás ruas, voltavam ás prasas nos cafés e nas pharmacias, falando de proezas que fizeram, que viram em outras revoluções. A estatua de um tribuno popular, que outrora offerecera o seu peito ás balas legaes, foi coberto de flores; comicios se realizaram em volta desta estatua; e palavras suas eram vocalizadas como apelos áquella gente, como chamamentos ao cumprimento do dever para com o direito.

O entusiasmo que incendiara a consciencia na capital da provincia não tardou a avassalar todo o interior; e em todas as pequenas localidades foram constituídos comités revolucionarios para obtenção de auxilio, para alistamento de voluntarios.

O heroe daquelle proeza iria sahir de uma destas villas do interior. Da quieta villa de Salgado... Chamava-se José Antonio dos Santos mas era conhecido na sua villa como o Zé das Moças. Falando desta prosaica creatura, para que o leitor não extranhe o desenrolar desta historia, cumpre que vamos apanhar a sua vida desde o dia em que chorou pela primeira vez; isto é, desde o dia em que nasceu. Não levaremos muito tempo a traçar a biographia; ella será dada em traços rapidos.

Em verdade Zé das Moças teve um nascimento pittoresco em excesso. Tinha elle, quando assentou praça, a idade de 20 annos. Nascera, portanto, no anno de 1904. Vamos até lá saber as circunstancias tragi-comicas da sua vinda ao mundo.

Em 1904 o progresso, pelas parallelas

Acaba de Aparecer:

HISTORIA DA COMPANHIA

DE

JESUS NO BRASIL

(1.º TOMO)

Pelo Dr. SERAFIM LEITE, S. J.

Disse Capistrano de Abreu, o nosso maior historiador, que a **Historia do Brasil** não poderia ser escripta antes da **Historia da Companhia de Jesus no Brasil**.

A illustrissima **Sociedade de Jesus**, que tinha fechado seus archivos, até agora, abriu-os e confiou a redação dessa obra a um dos seus, o grande historiador, Dr. Serafim Leite, S. J.

PREÇO DO 1.º TOMO EM BR. 35\$00

A' venda em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

MATRIZ

Rua do Cuvidor, 94

RIO DE JANEIRO

FILIAL

Rua 15 de Novembro, 144

SÃO PAULO

NOTA — A Matriz attende pedidos pelo "Serviço de Reembolso Postal".

de aço do caminho de ferro, entrava na provincia pelo lado do sul, justamente onde ficava localizada a villa de Salgado. A futura mãe de José, como todo o povo, maldizia aquella invenção do diabo, de uma carruagem andar correndo sem ser puxada nem empurrada por bicho vivo, e que, segundo diziam, em menos de um dia, iria dali até a capital. Os trabalhos do assentamento de dormentes e trilhos já andavam quasi dentro da villa e qualquer daquelles dias deveria chegar até ali uma locomotiva.

Justamente naquella dia, á noitinha, D. Maria Antonia, grávida de oito mezes, sendo aquella a sexta barriga que apanhava desde que casara com o Firmino, um ferreiro muito habil no fabrico de foices, aproveitou a fresca do crenusculo para ir á fonte apanhar um pote d'agua; a nascente ficava justamente num lugar que, para attingil-o teria que atravessar os trilhos; como sempre, benzeu-se e excommungou o «sujo» ao transpor o leito da estrada; encheu o pote e quando voltava a noite já estava fechada; ao se approximar do leito da ferrovia, ouviu aquelle resfolegar tremendo e aquelle olho de fogo se approximando a urrar. D. Maria deu um grito de pavor; o pote perdeu o equilibrio e espatifou-se e ella, após a queda do pote, tambem caiu e perdeu os sentidos, ali, á margem da estrada.

Somente pela madrugada é que o Firmino, acompanhado de mais alguns amigos, depois de uma larga batida pela redondeza, foi encontrar o corpo exangue de sua cara-metade; junto a ella, chorando, maltratado pelos mosquitos e pelas formigas, estava um recém-nascido; D. Maria abortara pelo medo. Havia nascido aquelle que mezes mais tarde, na pia baptismal de N. S. da Conceição do Salgado receberia o nome de José Antonio dos Santos.

Nos primeiros annos de sua vida José Antonio foi um menino ensangado; desenvolvimento tardio, pouca comprehensão das coisas; olhos esbugalhados numa cara muito redonda, ventre desenvolvido, não era, apesar de tudo, nada de espantar aos paes nem aos conhecidos; nascem muitos meninos assim; tinha a lingua um pouco perra. A sua infancia não deve ter differido da infancia dos outros meninos da sua classe; armou arapucas, tomou banho no rio, lavou cavallos, fez compras, foi ao catecismo. Quando completou oito annos puzeram-no na escola de onde foi retirado por não ter conseguido aprender nem o alphabeto. Cresceu assim. Não era nada de estranho crescer assim; muitos outros haviam crescido assim; mais tarde, quando tivesse força bastante, iria para a lavoura. Daria um bom homem de serviço numa roçagem, numa limpa ou numa coivara. A proporção que ia se pondo homem, porem, ia mostrando não ter aptidão intuitiva para nada. Não dava para aprender o officio paterno. Tinha a mania de viver metido no meio das mulheres e dahi a alcunha que lhe puzeram de Zé das Moças.

Foi quando, ao completar os 20 annos, rebentou a revolução. O pae, que

ha algum tempo, já, vinha com a intenção de alistá-lo na policia, viu com prazer que com a facilidade do comité de alistamento podia dar ao filho uma posição melhor; valia mais ser soldado de linha que meganha da policia. E José Antonio dos Santos foi alistado nos primeiros dias e enviado no primeiro contingente de soldados que a villa do Salgado dava á causa revolucionaria.

Uma vez no Quartel General foi submettido aos exercicios e logo que o julgaram apto de fazer atirar um fuzil incorporaram-no a um dos primeiros batalhões de voluntarios que foi enviado para guarnecer o valle do Tijupeba.

Como viram não foi tarefa difficil a de traçar a biographia de José Antonio dos Santos; e, agora, estará o leitor, que vem acompanhando tão pacientemente esta narrativa, apto a comprehender o restante, justamente a parte mais importante da historia deste heroe.

Entre os membros da Junta ficou determinado que o Capitão seria o commandante da resistencia do valle de Tijupeba; assente isto tratou logo o referido official de compôr o seu estado maior, o que, feito, teve que partir para o seu quartel. Por este tempo já forças legaes, sob o commando de um general experimentado em guerrilhas daquella especie, haviam desembarcado ao sul, em um porto anonymo, e marchavam para dar combate aos insurrectos. Vinha uma tropa escolhida, bem armada e falava-se, nas trincheiras, que o governo iria usar aviões e gazes. Chegada a tropa do governo ás proximidades de Tijupeba começou a reinar um nervosismo entre a tropa revolucionaria; o capitão fazia par a este nervosismo. Houve numa noite as primeiras escaramuças entre patrulhas perdidas. E, no dia seguinte pela manhã, dia em que se esperava a primeira operação militar, o Capitão resolveu ir á sede da Junta.

Na sua ausencia houve o choque; isto é, houve preparativos para o choque; e, sem commando, toda a tropa da defesa de Tijupeba recuou, desordenadamente, deixando o campo descoberto para a marcha dos legaes. Campo descoberto, não; no fundo de uma trincheira, não se sabe por que cargas d'agua, ficara alguém: José Antonio dos Santos. E, ao ver as primeiras forças de reconhecimento se avizinham do seu lugar, não se sabe que geito deu, o certo é que se ouviu um disparo de fuzil; do outro lado caiu um soldado morto. Em represalia, uma descarga. E, della, seis projectis se aninharam do corpo de José Antonio dos Santos. Os invasores esperaram o resto da reacção. Esta não veio. Marcharam cautelosamente e foram achar o corpo de Zé das Moças cahido na borda da trincheira. Vivia ainda. Recolheram-no numa maca. Remetteram-no para o Hospital de Sangue. E pelos fios telegraphicos vibrou para todo o paiz o relato da Batalha de Tijupeba onde, depois de trinta e duas horas de fogo as forças fieis ao governo haviam conseguido desalojar os rebeldes que fugiram deixando no campo todas as suas armas e bagagens; e, ponto culminante da narrativa da batalha, a particular historia do heroismo de Zé das Moças.

O communicado official do Quartel General das forças fieis ao governo, num

largo trecho onde falava na fibra indomavel do soldado brasileiro, fazia o elogio daquelle adversario bravo como Leonidas (o general dos Thermopylas, não confundir com o grande esportista, de hoje, que naquelle tempo deveria ser ainda um humilde graxeiro das machinas da Light), que, depois de terem debandado todos os seus companheiros, ficara na trincheira, com o seu fuzil, queimando até o ultimo cartucho. O heroe dos rebeldes, terminava o communicado, recebeu seis ferimentos; na mesa de operações, dispensou a anestesia, empolgando os medicos e enfermeiros pela sua resignação. «E, na sua ordem do dia, o general em chefe recommenda ao exercito expedicionario que tome a acção heroica deste rebelde, fiel até ao fim ao seu commando, como um exemplo.»

Foram escriptos artigos sobre o heroismo e na falta de um retrato do heroe, a photographia de um fuzileiro que dias antes fizera um sururú na zona do Mangue serviu para illustrar a reportagem dos jornaes. Na capital da provincia rebellada chegava a ressonancia do heroismo de Zé das Moças. Foram impressos cartazes ás pressas expondo o seu acto ao povo e pedindo contribuições para a erecção de um monumento a elle. E nos quartéis e nas trincheiras das outras posições, já desencorajadas com o insuccesso da resistencia de Tijupeba, as tropas ouviram que deveriam imitar a bravura de José Antonio dos Santos, o Antonio João daquella jornada.

Poucos dias mais resistiram os rebeldes. A pequenina Belgica cahiu sem disparar nenhum dos seus canhões historicos. A ordem foi restabelecida. Os trepidantes dias do regime de excepção cahiam do olvido como um sonho. O processo contra os rebeldes punha arrepios em todos os que haviam, de qualquer forma, dado apoio áquella sortida. Foi assim que um dia, cinco mezes depois, teve alta, no Hospital de Caridade, de ferimentos por arma de fogo, José Antonio dos Santos. O tempo havia corrido em dobro para elle. Havia envelhecido. Estava magro. E uma barbicha rala lhe cobria o queixo. Não sabia porque sentia dentro si um desejo maluco, um formigamento de bolir com alguém, elle que fora sempre tão tímido, que fora sempre o Zé das Moças. E, passando por um official do exercito, fez continencia. Uma continencia jocosa que o levou á cadeia por desrespeito á autoridade. Foi lá que verificaram a sua identidade. Era o Heroe de Tijupeba. Estava demente.

No gabinete do delegado, pondo as mãos em forma de corneta na bocca, tocou:

— To-to-ro-to-tó... toró... tóó...

Mais tarde lhe arranjam, na Delegacia, um chapéu de dois bicos; deram-lhe uma espada de madeira. E Zé das Moças descobriu que era commandante de um batalhão imaginario... Logo os meninos vadios se constituíram em adversarios daquelle general. Eram os legalistas... E foi a partir dahi que elle teve que levar a cabo a maior batalha da sua vida de heroe...

OMER MONT'ALEGRE.

Memento Bibliographico

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicados, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Castro Alves — OBRAS COMPLETAS — 2 volumes — Introdução e notas de Afranio Peixoto — Collecção «Livros do Brasil» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- D. Martins de Oliveira — CABOCLO D'AGUA — Romance — Schmidt-Editor — Rio de Janeiro.
- Mario Gracioti — A QUARTA DIMENSÃO — Novelas — Edição Cultura Moderna — São Paulo.
- Newton Belleza — MULHER SEM MARIDO — Romance — Pongetti Editores — Rio de Janeiro.
- Aristides Avila — A THEORIA DA DISTANCIA — Romance de Humor — Primeiro Premio da Academia Brasileira de Lettras em 1937 — Editora S. A. A Noite — Rio de Janeiro.
- Venancio F. Neiva — JOSE' BONIFACIO — O PATRIARCA DA INDEPENDENCIA — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro.
- Tia Evelina — RECEITAS PARA VOCE — Culinaria — 2a. edição — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Menotti del Picchia — KUMMUNKA' — Romance — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Manuel Bandeira — ANTOLOGIA DOS POETAS BRASILEIROS DA FASE PARNASIANA — Edição do Ministerio da Educação e Saúde — Rio de Janeiro.
- Nelson de Senna — ALGUNS ESTUDOS BRASILEIROS — Primeira Série — Bello Horizonte.
- Capistrano de Abreu — ENSAIOS E ESTUDOS (CRITICA E HISTORIA) — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Rio de Janeiro.
- Affonso Arinos de Mello Franco — SYNTHESE DA HISTORIA ECONOMICA DO BRASIL — Curso de Férias em Montevidéo — Edição do Ministerio da Educação e Saúde — Rio de Janeiro.
- Afranio Peixoto — VIAGENS NA MINHA TERRA — PORTUGAL — Livraria Lello — Lisboa.
- Affonso de Carvalho — CAXIAS — Edição da Bibliotheca Militar — Rio de Janeiro.
- Gilberto Freyre — CONFERENCIAS NA EUROPA — Lidas nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto e no King's College (Universidade de Londres) — Edição do Ministerio da Educação e Saúde — Rio de Janeiro.
- Brenno Arruda — FLOR DE MANACA' — Romance — 2a. edição — Editora S. A. A Noite — Rio de Janeiro.
- Rodrigo Octavio Filho — VELHOS AMIGOS — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Major Frederico Rondon — NA RONDONIA OCCIDENTAL — Edição illustrada — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Irineu Pinheiro — O JOAZEIRO DO PADRE CICERO E A REVOLUÇÃO DE 1914 — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro.
- João Pinheiro Filho — PROBLEMAS BRASILEIROS — Prefacio do General Góes Monteiro — Editora S. A. A Noite — Rio de Janeiro.
- Tiana Amarante — BARRO VIVO — Imprensa Brasileira — São Paulo.
- Epitéto Fontes — MARTINS FONTES, IRMÃO DE ASSIS — Edição da Comissão Glorificadora de Martins Fontes — São Paulo.
- Barcellos Penna — ORVALHO DO CEU — Versos — Officinas Graphicas da Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Heraldo Barbuy — ZARATHUSTRA MORREU — Edições e Publicações Brasil — São Paulo.
- Ovidio Chaves — UMA JANELLA ABERTA... — Sonetos — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Izaltino Santanna — MORDENDO FRUTOS VERDES — Versos — São Paulo.
- Seraphim Silva Netto — FONTES DO LATIM VULGAR — (O APPENDIX PROBI) — Edição Commentada — Editora A.B.C. — Rio de Janeiro.
- Salomão — O CANTICO DOS CANTICOS — Traducção de Augusto Frederico Schmidt — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.

UMA LITTERATURA NOVA

Até ha pouco tempo difficilmente se apanhava um livro brasileiro em Portugal. Todos se lembram da eterna *Iracema* das estantes dos nossos avós. Donde isso vinha! Vinha do mesmo lado donde um ou outro canto de Gonçalves Dias, depois as doridas canções de Casimiro de Abreu e os protestos metrificadas de Castro Alves — mas ardentes — enterneciam uma reminiscencia do Brasil, que através de parente ou de amigo, todos guardavamos.

De José de Alencar passou-se quasi directamente a Machado de Assis, mas com pouca demora. O velho carioca, sendo brasileiro até aos ossos, parecia europeu, falava europeu. Depois, era subtil. Não tinha aquellas grandes quedas de prosa em que nos parecia ouvir, lendo certos brasileiros, as quedas de agua do S. Francisco ou o rumor profundo das lianas no seio da floresta... (E eramos assim já puxados para uma prosa sertaneja toda livresca e resabiada).

Creio que foi Coelho Netto, por certos aspectos da sua obra, que começou a levar-nos mais honestamente a tocar o Brasil, a vel-o por dentro e com um minimo de rhetorica. A outros, Graça Aranha falou do drama das cidades — mas logo Olavo Bilac se chegou com os seus alexandrinos floraes, e perturbou tudo outra vez. O Brasil estava afogado em palavras. Restava algum charuto da Bahia ou tigella de goiabada para o não esquecermos de todo em todo em Portugal.

Até que veio, Euclides da Cunha. Mas agora a deficiencia não estava no escriptor, estava em nós, os que não podemos lêr nada que não traga uma historia de crianças dentro ou um derriço temperado com duas ou tres detonações de romance policial. Em vez de amores infelizes, papões ou aventureiros, Euclides trazia cotas de nivel, o aspecto das paisagens descripto poderosamente, mas crivado de termos geologicos, dado com rigor scientifico, grandes rodeios de explicação, de commentario, de aprofundamento de causas. Ah! Mas os que conseguiram passar a linha de frivolidade, como entraram depressa no segredo do Brasil dos *Sertões*, na sua formação dolorosa e lenta!

Tudo isto, porém, era muito pouco. O Brasil parecia adormecido numa velha actividade academica, a sympathia mas somnolenta vida de gremio litterario que lembrava logo velhos e respeitaveis gnomos: o santo imperador D. Pedro com suas barbas brancas visitando Herculano em Valle de Lobos, Ramiz Galvão e Capistrano editando pesadas massas de documentos, e, copiando estes gigantes mal e pesadamente, toda a enfiada de archeologos que, de Maceió a Florianopolis e de Cuyabá a Cachoeira, faziam investigação local compenetrados de que punham nisso o genio de Camões.

Deus me livre de fazer pouco desse typo de cavouqueiros, que estão realmente na base da litteratura ensaistica e romanesca do Brasil de hoje. Mas é para dizer que o precursor não é o messias... Quando se desbrava a terra está tudo confuso e a monte. Não appetitece fazer turismo a cavallo no arado e pelo rego dos bois.

De repente (porque foi como se a nova geração não tivesse sido precedida, e de perto, por tanto batedor), começam a desabar em Lisboa, Porto e Coimbra os pacotes de prosa nova, as brochuras coloridas e enfeitadas com o excesso de estrellas do Cruzeiro, e com isso um mundo novo, um Brasil novo em que até os soffrimentos coloniaes pareciam novos. O paiz primitivo e o actual, o sertanejo e o praieiro convenceram os portuguezes da sua violenta realidade, da sua extensão em humanidade e perspectivas. Já não era o fiozinho lyrico de Casimiro de Abreu, a maloca de Alencar, a tirada de Castro Alves — mas uma litteratura toda forjada na terra e no homem, em que a lingua portugueza sobe pela primeira vez, pelo menos no romance, a um tom e a uma experiencia que lhe pareciam vedados.

VICTORINO NEMESIO.

(Transcripto do «Diario de Lisboa», de 29-9-1938.)

POESIA PORTUGUEZA

Publicamos neste numero o poema «Embarcar», de João Falco e o «Canto entre o céu e o mar», de Augusto Casimiro — duas curiosas peças da moderna poesia portugueza. A *Seara Nova*, prestigiosa publicação de cultura de Lisboa, dirigida por Antonio Sergio, que em primeira mão estampou esses dois poemas, aqui solicitamos venia para a sua transcripção em nossas columnas.

LUIZ EDMUNDO, o illustre autor de "O Rio de Janeiro

no tempo dos Vice-Reis", lança o seu novo livro :

" O Rio de Janeiro do Meu Tempo "

● Este livro é o depoimento de um historiador de raça, "que evoca os ultimos dias do seculo que passou e os primeiros do que está passando". Repositorio valiosissimo, por constituir quasi um "livro de memorias" vivido pelo autor, que o enriqueceu com as illustrações originaes de Marques Junior, Henrique Cavalleiro, Armando Pacheco, Raul Calixto, Gil, J. Carlos, Rocha, Daniel Julião Machado, Lobão e outros e as photographias de Marc Ferrez, Luiz :::::::::: Bueno, W. Crown e Augusto Malta. ::::::::::



PREÇO DA OBRA COMPLETA

(3 grossos volumes, 1.232 paginas, 460 desenhos feitos por 18 caricaturistas, 214 photographias) :

Brochura	70\$000 os 3 volumes
Encadernação Simples	100\$000 os 3 volumes
Encadernação de Luxo.....	120\$000 os 3 volumes

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

Livraria Civilização Brasileira

Matriz : RUA DO OUVIDOR, 94 — Rio de Janeiro

Filial : RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 — São Paulo

E

LIVRARIA DO EDIFICIO ALHAMBRA

(ABERTA ATÉ AS 23 HORAS)

IMPORTANTE : No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telefones : 22-6773 e 42-0390. No Interior atendemos pelo "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL" que significa pagar quando o correio entregar.

ACABA DE APPARECER:

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL (1. volume)
do Padre Serafim Leite S. J.

«Um livro é uma acção. Pode ser grande acção, que outras recorde e a outras incite. Terá o livro, na historia humana, valor muito mais alto do que aquelle que geralmente se lhe attribue, de ser a historia e de fazer a historia, a vida da humanidade. Nada, pois, mais augusto.

Estes pensamentos, que têm emphase e dignidade, nos vêm, precisamente, da contemplação de um grande livro, desses que uma civilização não terá nunca demasiados para exhibir, ou de que se ufanar.

E' um livro, grande livro, até no aspecto magestoso, mas cujo conteúdo ideologico é ainda maior, porque é um livro de historia, de historia de nossa Patria, que relata o Brasil no berço, o Brasil infante, como o iria criar Portugal, servido pela Companhia de Jesus, criando a civilização latina e christã, em terras de Santa Cruz.

Acaba de se publicar a «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», do Padre Dr. Serafim Leite, S. J. E' o primeiro volume, e outros virão. E' um monumento erguido, tanto aos jesuitas, nossos primeiros mestres, como ao alumno dilecto delles, o Brasil.

Disse Capistrano de Abreu, o nosso maior historiador, que a historia do Brasil não poderia ser escripta antes da historia da Companhia de Jesus no Brasil. Sabia porque. Os documentos, poucos e esparsos, de tão preciosos davam idéa do que seria o manancial dos archivos sellados da Companhia. Havia cartas de jesuitas publicadas em traducção em varios livros estrangeiros, e recoltas nacionaes se ensaiaram. Havia precioso codice tirado á casa de São Roque e dada por Pombal ao Conselheiro Lara e Ordonhes, que o dera a D. João VI, para a Bibliotheca Nacional. Capistrano e Veiga Cabral puzeram-se a publicar documentos jesuiticos. Ajudou-os Teixeira de Mello. Mas ficaram em meio. A Academia Brasileira, no serviço publico de que se poderá sempre vangloriar, emprehendeu reunir o acervo nas suas publicações. Sahiram as «Cartas de Nobrega», annotadas pelo Sr. Rodolpho Garcia; sahiram as «Cartas Avulsas», de vinte e tantos missionarios, annotadas pelo Sr. Afranio Peixoto; sahiram as Cartas de Anchieta, annotadas pelo Sr. Alcantara Machado. Mas não era bastante.

Foi quando a Companhia de Jesus resolveu abrir os seus archivos á Historia do Brasil e confiou a um dos seus o formidavel encargo de pesquisar esses archivos e escrever esta historia. O escolhido foi o Dr. Serafim Leite, que já conhecia nossa Patria e tinha tirocinio de escriptos historicos e sociologicos, que o recomendavam. Depois de annos, em Roma, no Gesù, e pela Europa, onde havia documentos jesuiticos, tirou copias photographicas de tudo, a decifrar, a ler, a comprehender, a elucidar. Um trabalho heroico e abnegado.

Antes, porém, da primeira linha veio ao Brasil para ter o contacto directo com a terra e a gente, a côr local, a alma dispersa do Brasil, recolhida num coração de apostolo, que andou por toda a parte entre nós, embevecido e orgulhoso, repetindo a palavra inicial de Nobrega ao chegar em 1549 á Bahia: *esta terra é nossa empresa*. Era um Brasil inexistente, terra erma, mato-grosso, que tal esperança tornava sagrada... E outro jesuita, no seculo XX, acha immenso paiz, cheio de grandes possibilidades, e com as lagrimas nos olhos e o amor no coração, que reza embevecido a mesma oração orgulhosa de Nobrega: *esta terra foi a nossa empresa*...

Tornou o Dr. Serafim Leite a sua casa de Lisboa e poz-se a escrever a «Historia da Companhia de Jesus

no Brasil». As aparas, a sobra da obra, trechos de marmore ou troços de bronze, foram levados da officina para as sociedades sabias, para revistas technicas, para as columnas do «Jornal do Commercio», para um concurso publico. Foi o Brasil vendo que tinha razão Capistrano: não se pode, não se poderia, antes da historia delles, os Jesuitas no Brasil, escrever a nossa historia. São Paulo viu a historia da fundação de Piratininga mal contada, com lacunas e erros, rectificada. João Ramalho, longe de ser um inimigo dos padres, foi delles auxiliar, com sua prole e seus parentes indios. Santo André da Borda do Campo, Maniçoba, Geribitiba, as aldeias dispersas, ao genio do Jesuita, por economia e para defesa, é que se reúnem em torno da colina sagrada, que escolhera o Padre Nobrega e ahi, no dia da Conversão do Apostolo das Gentes, é que se inaugura São Paulo, do qual será defensor Tebiriçá, o sogro de João Ramalho, que, este, lhe será o capitão-mór em 1562, primeiro patriarcha, pioneiro dos paulistas, braço direito dos padres na entrada do sertão.

Cartas ineditas vêm a lume, datas se corrigem, sucessos se sabem e a historia certa do Brasil emerge do pelago de nossa insciencia, como uma ilha resplandecente de coral que brotasse do abysmo para a gloria da luz.

Os entendidos tinham porém a curiosidade insoffrida e contavam os mezes por annos, na impaciencia da obra. E eis que ella nos chega e eis que é como a esperavamos. Grande, na sua factura material. Ha muito dos prélos da Europa e da America não sae livro mais nobre e mais magestoso. Grande na sua compleição espiritual; o nosso Capistrano de Abreu teria lagrimas de emoção nos olhos: — outro jesuita, como o primeiro, Nobrega, lhe relata os feitos, seus e dos seus, num livro mestre, digno desse apostolado jesuita no Brasil «obra sem exemplo na historia»...

De todas as immensas obras jesuitas no mundo, o Brasil é a maior. A obra na Europa foi formidavel, de educação da mocidade; o chanceller Francis Bacon insuspeitamente dissera, já no seculo XVII, «nada se podia fazer de melhor». Mas veio a tormenta liberal do seculo XVIII, e lá se foi. O Japão, de S. Francisco Xavier? Ou a China? Ou o Paraguay? Tudo tornou ao que era, melhorado certamente, mas sem memoria dos apostolos que approximaram da civilização esses povos, diferentes ou barbaros.

O Brasil é que foi a grande obra jesuitica, a obra que vingou, a «nossa empresa» de Nobrega, a «obra sem exemplo na historia», de Capistrano. E' essa obra que começa a relatar um grande jesuita, pelos outros grandes jesuitas que a fizeram, num grande livro que é uma obra prima, de devoção e patriotismo. O livro do Dr. Serafim Leite, «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», este grande primeiro volume, é a certidão de baptismo desse nosso Brasil, não só á fé, como á civilização.

Quizeramos que alguém, publicamente qualificado para isso, representando o Brasil, — o Governo, pelo Ministerio da Educação; as sociedades sabias; a imprensa; os brasileiros cultos — conhecendo a grande acção que é tal livro, manifestasse á Companhia de Jesus, uma vez mais, a nossa gratidão, a gratidão nacional, agora já consciente, pelo grande documento deste livro. O Dr. Serafim Leite, S. J. bem merece, por elle, a benção e o applauso do Brasil.»

(Transcripto do «Jornal do Commercio».)

Preço do 1.º volume brochado: 35\$000

Distribuidora: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. — Rua do Ouvidor, 94

IMPORTANTE: No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telephones: 22-6773 e 42-0930. No Interior attendemos pelo «SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL» que significa pagar quando o correio entregar.

MONTEIRO LOBATO

Amigo Leo Vaz:

Se V. gostou tanto da "HISTORIA DA FILOSOFIA", de Will Durant, vai babar-se agora com THE MANSIONS OF PHILOSOPHY, que traduzi como "FILOSOFIA DA VIDA", porque - quem entenderia, aqui, o titulo literal, AS MANSÕES DA FILOSOFIA ? E para a escolha do novo titulo baseei-me no proprio Durant, que começa o prefacio dizendo: "This book is an attempt at a consistent philosophy of life." ("Consistent !... Ingleses e americanos fazem grande uso desta palavra, para nós cada vez mais sem sentido ...)

Mas que livro, Jeremias ! Que repositório da coisa mais escassa entre nós: sabedoria, bom senso ! E sabedoria moderna, isto é, rica de todas as finuras do espirito moderno - a ironia alegre, o aticismo entre grego e gaulês, as sutis indiretas á politicagem e á "bigotry". Um perfeito diabo, este Will Durant, um amenissimo Voltaire bem merecedor do tremendo sucesso de suas obras. Com a primeira, já posta em todas as linguas decentes e com tiragem, na America, pegando o milhã, ganhou ele mais que entre nós um genio do comercio que passa a vida a falsificar banha. E de tal modo seduziu o mundo, que a filosofia entrou em moda, é o "dernier cri" de hoje - ela, a coitada que, já toda teias de aranha, vivia esquecida no quarto de badulaques do pensamento humano.

E tão cotada ficou que os editores não tem mãos a medir no reeditar velhos filosofos, Kant, Spinoza, os gregos - todos ! Nas bibliotecas americanas a consulta de obras filosoficas subiu de 200% - e o mesmo se daria aqui... se tivessemos bibliotecas.

E quanta razão ha para isso ! Vejo-o por mim. Já li este livro, sabe quantas vezes ? Seis ! A primeira, no original - e foi a revelação. Outra, ao traduzi-lo. Outra, ao corrigir minha tradução. Outra, ao rever as provas tipograficas. Outra, ao rever a primeira edição para a fatura da segunda. Outra, ao rever as provas da segunda. Seis - e não basta. Lerei dez, vinte. Quero ficar morando em Will Durant como na mais deliciosa das mansões !

E que milionario de ideias proprias ele é ! Faz a critica dos totalitarismos opressores do pensamento com estas palavras: "A liberdade de cultivar ideias falsas é o unico meio que temos de, ocasionalmente, conseguirmos uma verdadeira." Não é puro Voltaire ? E dá medida do seu aperfeiçoamento moral com estas: "Sempre que lutei, vi as resistencias redobram-se - mas sempre que amei venci". Não é puro Cristo ?

Sáí da cobcha, ó caramujo, e espoja teu espirito neste tapete persa da superioridade mental - e deixa-te nele ficar. Quem entra em Will Durant e não fica, está fichado. Porque "though understanding no joy is alien to us" - e o realmente bom "is to sit at the feet of Plato in the City of God". É ou não é, ó caramujo ?

Monteiro Lobato

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

O DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL — *Hermann Wätjen* — Vol. 123.

O panorama do Brasil hollandez foi realizado pelo grande professor de Historia da Universidade de Heidelberg, Hermann Wätjen, que o publicou em 1921, na Allemanha. Estava, assim, vedada ao nosso publico, que conhece pouco o idioma allemão, a obra mestra, a obra mais completa e robusta sobre um dos capitulos mais movimentados e significativos da nossa historia. Ficariamos ainda por muito tempo no desconhecimento de tal livro, se não fôra a iniciativa da Cia. Editora Nacional de editar na «Brasiliana» a tradução do famoso livro, e assim entregal-o ao nosso publico.

«O Dominio Colonial Hollandez no Brasil» é um livro de copiosa e erudita informação historica, que o autor bebeu na Hollanda, em Portugal, e aqui no Brasil, onde esteve apenas entregue ao trabalho de rebuscar em nossos arquivos todos os documentos esclarecedores da ação de Nassau e dos hollandezes no Brasil. E' um livro completo, realizado com aquella segura erudição allemã, estudando desde a origem da navegação para as Indias, no inicio do seculo 17, até a formação, o apogeu e a ruina do Brasil Hollandez, de 1644 a 1654. O governo do Conde Mauricio de Nassau, de 1637 a 1644, ocupa o Capitulo 3.º da obra, um dos mais interessantes, como tambem aquelles relativos á organização e administração da colonia, á egreja no Brasil Hollandez, ás relações entre a população branca e a gente de côr, porisso que a obra focaliza todos os aspectos sociaes daquella rapida e fecunda ação Hollandesa em Pernambuco.

A tradução deste livro foi pelo Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, diretamente do original allemão, para a «Brasiliana».

Broch. 15\$000

A CORTE DE PORTUGAL NO BRASIL — *Luiz Norton* — Vol. 124.

Livro interessante, a um tempo erudito e agradável, esse que o Dr. Luis Norton escreveu e que acabamos de editar na «Brasiliana».

Aqui o ilustre historiador e diplomata portuguez estuda o ambiente, a côr, a feição humana e social da côrte portugueza no Brasil. E' um passeio áquelle tempo, uma volta aos primeiros dias do Brasil, aquelles que se desenrolaram entre estes dois eixos que serviram ao dr. Luis Norton como limites ao estudo feito em seu livro: a Transferencia da corte de D. João VI para o Brasil e a abdicação de Pedro I.

Como vêm «A Côrte de Portugal no Brasil» fixa pela primeira, em conjunto, o tempo de D. João VI e de seu aventureiro filho, o fundador do nosso Imperio, unindo assim, no mesmo trabalho de pesquisa historica e de bom gosto literario, duas epocas que se completam e harmonizam. A transferencia da côrte, o casamento do principe Dom Pedro, e as famosas negociações feitas pelo Marialva, o casamento de Dona Leopoldina, a cidade naquelle tempo, seus costumes, suas artes, suas ciencias e suas letras, Dona Leopoldina e a Independencia, a coroação, a morte da Imperatriz, a abdicação.

Broch: 15\$000

VIAGEM PELAS PROVINCIAS DE RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS — *Auguste de Saint-Hilaire* — Vol. 126.

O trabalho realizado pelo famoso naturalista francez Saint-Hilaire, durante os seis annos em que viveu no Brasil, percorrendo, em estudos, todo o nosso territorio, vem sendo revelado através da tradução dos seus varios volumes, relativos aos diversos estados que palmilhou.

Agora a nossa «Brasiliana» publica a «Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes», e é desnecessario exaltar o valôr raro deste livro. E' o roteiro de um viajante, o caderno de anotações de um naturalista, o diario de um homem intelligente viajando por um paiz novo e de fascinação illimitada.

Cada vol. broch: 12\$000

POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL — *Oliveira Vianna* — 4.ª edição, Vol. 10.

A grande obra de Oliveira Vianna, em que elle estuda a formação das populações ruraes do sul do Brasil, ligando-as pela mesma significação politica, observando-as de maneira aguda e poderosa, entra em sua 4.ª edição.

E' a consagração do publico, atravez de sucessivas edições, a uma obra que já merecera a consagração de todas as correntes do pensamento brasileiro, e da qual dissera Ingenieros constituir um verdadeiro monumento «que honra ala cultura de todo el continente».

Para a perfeita comprehensão d opassado, a investigação scientifica arma, hoje, os estudiosos, com um completo systema de methodos e de instrumentos que permitem, quando bem utilizados, resultados de perfeito rigorismo e certa exatidão. Oliveira Vianna soube, melhor que ninguem, utilizar essas armas de reconstrução do nosso passado social: a força da sua obra, da qual este livro é um dos momentos mais altos, atesta-o de maneira insofismavel.

Broch: 12\$000.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — *Oliveira Vianna* — 3.ª edição, Vol. 10.

Os trabalhos de pesquisa social de Oliveira Vianna, desdobram-se, neste livro, de maneira panoramica. Aqui ele estuda, como o indica o proprio titulo, a evolução do povo brasileiro. Mas evolução total, em todos os sentidos: evolução social, evolução ethnica, evolução politica. Livro cujo primeiro apparecimento data de alguns annos, foi elle objecto de vivas controversias que só fizeram, com o passar do tempo, pelo desmentido que o tempo lhe trouxe, formar para o grande livro do illustre sociologo brasileiro um verdadeiro plano de contraste, onde a sua verdade scientifica e o seu conteúdo cultural se projetam de maneira vivissima.

Aqui se estuda desde as questões geraes de sociologia, principalmente em face das modernas modificações operadas no corpo dessa ciencia, até a significação ethnica, social e politica da nossa vida social.

Trata-se da reedição de um livro de valor excepcional para a cultura brasileira, livro de profunda significação neste momento da nossa historia.

Broch. 12\$000.

EDIÇÕES DA

São Paulo

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

— Rio de Janeiro —

Recife

— Bahia —

Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Differente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres
Canapés
Sandwiches
Môlhos
Sopas

Peixes
Mariscos
Crustaceos

Carnes
Caças
Aves

Ovos
Legumes
Massas
Licores

Refrescos
Sundays
Sorvetes
Aperitivos
Cooktails
Punches
Toddys
Egg-Noggs
Fizzes

Bolos
Tortas
Pudings
Molhos para pudings
Cremes
Molhos para cremes

Docinhos diversos
Brôas
Pães
Pãezinhos
Bolachas
Rosquinhas
Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

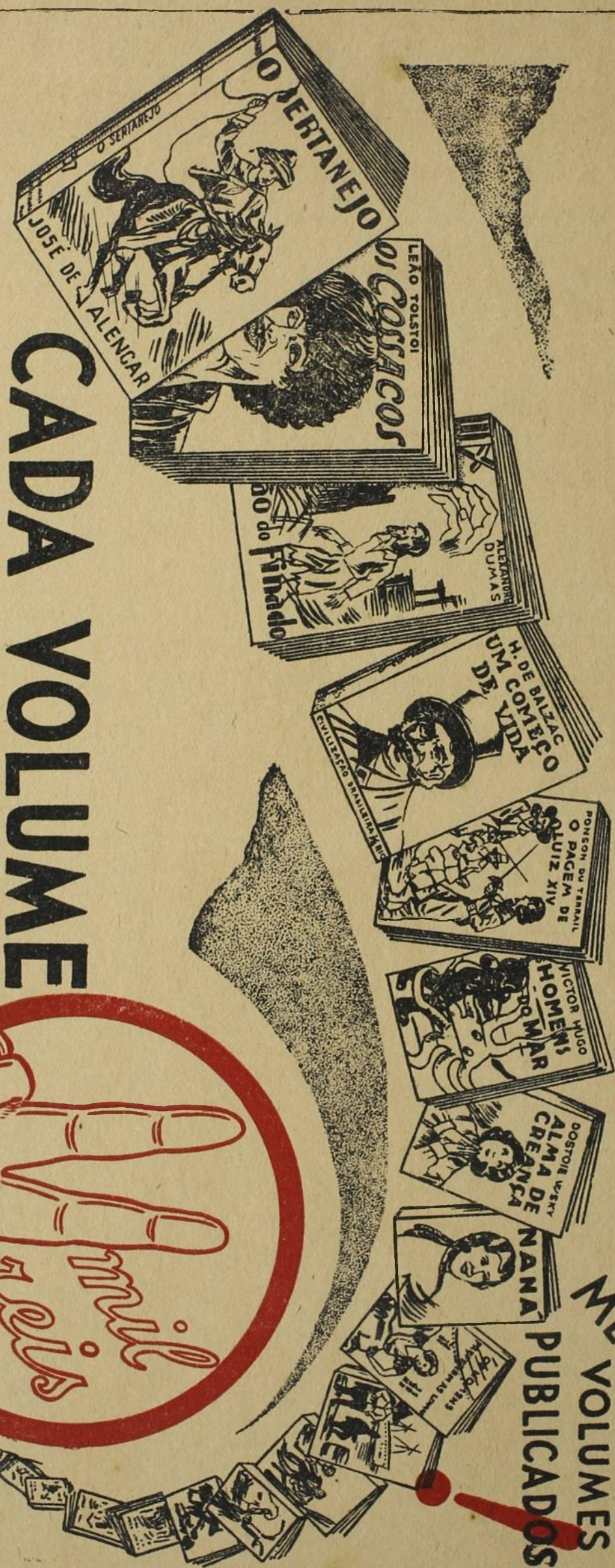
Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua do Ouvidor n.º 94 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO